U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

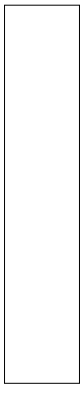
ARQUITETURA

Neotopia
Aprender através da informalidade

Sara Tenreiro Fonseca

M

2023



NEOTOPIA
APRENDER ATRAVÉS DA INFORMALIDADE

Sara Tenreiro Fonseca

dissertação de mestrado
integrado em arquitectura

faculdade de arquitectura
da universidade do porto

sob a orientação do
Professor Doutor
Helder Casal Ribeiro

porto, setembro 2023

Procura uma resposta. Mas as respostas são perguntas mortas. São as perguntas que nos fazem mexer. As certezas fazem-nos parar. As perguntas são a porta da rua. Quando nos interrogamos, quando duvidamos das nossas paredes, é porque estamos a passar pela porta.

Afonso Cruz

ao professor Helder Casal Ribeiro,
aos arquitetos Leopold Banchini, Francesca Gotti e Pablo Garrido,
aos meus pais e irmão,
aos amigos de Tondela, Porto e Mendrisio.

resumo

A participação no estúdio Neotopia do arquiteto Leopold Banchini, na *Accademia di Architettura di Mendrisio* (AAM), proporcionou o confronto com uma forma diferente de ver, entender, aprender e fazer arquitetura.

Leopold Banchini é um arquiteto nómada, com uma profunda consciência e sensibilidade sobre a importância do lugar e sobre natureza contingente do processo construtivo, que transfere para uma prática fundada na experienciação e na experimentação.

Ignorando deliberadamente fronteiras, assume a informalidade como contexto e ferramenta para investigar e fazer arquitetura. Sem falsas pretensões, declara a cultura do DIY e o ecletismo como ambientes privilegiados para uma prática emancipatória e diferente.

Revisitando o que foi a experiência no *design studio* Neotopia e a vivência dos diversos desafios apresentados, pretende-se explicitar os principais temas e princípios orientadores da metodologia pedagógica de Leopold Banchini.

neotopia
ensino da arquitetura
projeto
metodologia
Leopold Banchini

abstract

The participation in the Neotopia design studio of the architect Leopold Banchini, at the Accademia di Architettura di Mendrisio (AAM), provided a confrontation with a different way of seeing, understanding, learning and making architecture.

Banchini is a nomadic architect with a deep awareness and sensitivity to the importance of the place and the contingent nature of the construction process, which he transfers into a practice based on experimentation and experienciation.

Deliberately ignoring boundaries, he assumes informality as a context and a tool to do research and make architecture. Without false pretences, he declares DIY culture and eclecticism as privileged environments for an emancipatory and different practice.

By revisiting the experience of the Neotopia design studio and living through the various challenges presented, the aim is to explain the main themes and the guiding principles of Leopold Banchini's pedagogical methodology.

neotopia
architecture education
design
methodology
Leopold Banchini

sintesi

La partecipazione al laboratorio di progettazione Neotopia dell'architetto Leopold Banchini presso l'Accademia di Architettura di Mendrisio (AAM) ha offerto la possibilità di conoscere un modo diverso di vedere, comprendere, apprendere e fare architettura.

Banchini è un architetto nomade con una profonda consapevolezza e sensibilità riguardo all'importanza del luogo e alla natura contingente del processo costruttivo, che si trasferisce in una pratica basata sull'esperienza e sulla sperimentazione.

Ignorando deliberatamente i confini, assume l'informalità come contesto e strumento per la ricerca e "il fare architettura". Senza false pretese, dichiara la cultura del DIY (do-it-yourself) e l'eclettismo come ambienti privilegiati per una pratica emancipata e diversa.

Ripercorrendo l'esperienza al laboratorio di progettazione Neotopia e sperimentando le varie sfide che ha presentato, si vuole spiegare i principi guida e i temi principali della metodologia pedagogica di Leopold Banchini.

neotopia
insegnamento dell'architettura
progettazione
metodologia
Leopold Banchini

nota à edição:

As transcrições são mantidas na língua original por se entender que a sua tradução eliminaria o seu sentido.

sumário

introdução 19

1
o arquiteto | leopold banchini 25

2.
projetos | leopold banchini architects 53

3.
neotopia
o design studio 89
greenhouse experience 101
vengo 117
a house between two water tanks 123

considerações finais
o espaço e a forma de o construir
contributos para um diálogo possível 143

fontes documentais 149
índice de imagens 153

You don't design a space,
you design the way of building a space.

Leopold Banchini

introdução

A passagem pela *Accademia di Architettura di Mendrisio* (AAM) no último ano do Mestrado em Arquitetura constituiu uma oportunidade para refletir de forma mais aprofundada sobre um percurso ainda numa fase de grandes interrogações.

A escolha do *design studio* orientado pelo arquiteto Leopold Banchini para a disciplina de projeto surge, naturalmente, de uma vontade de questionamento e de reflexão sobre outros caminhos possíveis. A sua abordagem particular das questões do projeto, da construção e da arquitetura, constituiu um campo produtivo para essa reflexão e para emergência de novas ideias e de novas questões.

Banchini encara a arquitetura como uma ferramenta que pode e deve criar espaços de vida coletiva. As considerações políticas e ambientais ocupam um lugar central na sua prática.

Valoriza uma arquitetura envolvente com um profundo respeito pelos materiais e pelo ambiente, mas também por aqueles que nela participam e para quem ela se destina. Procura sistematicamente uma arquitetura participada, convocando uns e outros para os processos construtivos, numa prática que remete para algumas tradições entretanto quase abandonadas.

Ao mesmo tempo, estimula o recurso a métodos alternativos, incluindo a cultura do DIY e a criatividade como meios de emancipação de uma lógica consumista e neoliberal. Procura ir além das definições tradicionais ligadas ao ato de projetar, propondo uma arquitetura eclética e não dogmática que valoriza a simplicidade, a economia e a sustentabilidade.

É esta perspetiva que procura difundir no atelier que orienta na AAM, não só através dos conhecimentos que explicitamente transmite, como também através das experiências que estimula e que propõe como exercícios pedagógicos.

A forma como o atelier é estruturado, as dinâmicas relacionais que aí se estabelecem e cada um dos percursos individuais são fundamentalmente baseados numa lógica de informalidade. Uma lógica que corresponde, no essencial, ao que Callanan et al designam por *Informal Learning Spaces*.

> *Informal Learning Spaces are per definition spaces that support non-scheduled learning, independent study, working alongside, group study, networking, and socializing. They are often based on 5 dimensions: non-didactic, highly socially collaborative, embedded in meaningful activities, initiated by learner's interest, excluded from external evaluation.*[1]

[1] Callanan, M., Cervantes, C., & Loomis, M. (2011). Informal learning. Wiley interdisciplinary reviews. Cognitive science, 2(6), 646–655.

Esta dissertação consiste numa tentativa de expor, interpretar e compreender a metodologia pedagógica de Leopold Banchini, a partir de uma perspetiva pessoal e experiencial que resultou da participação no seu estúdio no semestre de outono de 2022.

Sendo o trabalho desenvolvido em contexto académico indissociável da prática profissional, e reconhecendo que ambos se contaminam reciprocamente, revela-se indispensável que esta tentativa se inicie por um enquadramento teórico-prático sobre Leopold Banchini e tenha em consideração a prática profissional e a obra construída do arquiteto.

Este enquadramento, que tem como principal objetivo a caracterização da metodologia projetual de Leopold Banchini, será amplamente informado pelas conferências assistidas durante o semestre na AAM e pela bibliografia existente sobre o autor, designadamente pela monografia editada pela revista *2G* e pela publicação *Shelter Cookbook* que surgiu na sequência do trabalho desenvolvido para a exposição *There Are Walls That Want to Prawl na Bienal de Veneza* de 2021, realizada em colaboração com Dylan Perrenoud, Lukas Feireiss e Lloyd Kahn.

A análise dos projetos e dos temas arquitetónicos utilizados no seu processo de desenho permitirá refletir sobre o modo como Leopold Banchini interpreta o desígnio da arquitetura enquanto disciplina. A partir dessa reflexão, tentar-se-á compreender e explicitar fundamentadamente a sua abordagem pedagógico-didática.

A apresentação do tema e das dinâmicas que definem o atelier Neotopia será essencial para compreender o exercício proposto e a resposta encontrada. O *booklet* onde se resumem os principais objetivos e as etapas de trabalho do *design studio*, constituirá uma das principais referências documentais.

Após o reconhecimento das diretrizes do exercício, a descrição do processo de desenho do projeto realizado - uma casa para dez pessoas na região de Almería, Espanha - servirá como linha condutora para explanar a metodologia pedagógica do atelier, ao mesmo tempo que se procurará analisar e avaliar a proposta concebida à luz dos temas apresentados.

Na parte final desta dissertação, procurar-se-á estabelecer um breve conjunto de considerações sobre a influência da metodologia pedagógico-didática do Atelier Banchini num percurso académico intensamente marcado pelo ensino da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

Reconhecendo-se as evidentes divergências metodológicas, é possível estabelecer pontes de contacto entre ambas e acima de tudo confirmar a possibilidade da sua coexistência.

Pretende-se compreender os pontos de convergência e os pontos de divergência, de modo a analisar como é que diferentes métodos, opções e escolhas se conciliam no exercício que a todos nos diz respeito – o do ensino da arquitetura.

01 o arquiteto

leopold banchini

26 biografia leopold banchini

27 leopold banchini architects

29 there are walls that want to prowl

36 a borderline millennial

39 um arquiteto nómada socialmente comprometido

41 uma escala mais humana

44 bricoleur e autoconstrutor

47 dimensão cenográfica e performativa

49 uma arquitetura de passagens e oportunidades

biografia leopold banchini

Leopold Banchini nasceu em Genebra em 1981 e é formado pela *École Polytechnique Fédérale de Lausanne* (EPFL). É licenciado pela *Glasgow School of Arts* (2004) e mestre pela EPFL (2007).
Na sequência do tema da sua tese de mestrado sobre a prisão de *Rikers Island*, publicou uma série de livros e de artigos críticos sobre o sistema penal e sobre o seu ambiente construído.

Depois de ter trabalhado para os arquitetos *Lot-ek* em Nova Iorque (2004-05) e para o *Atelier van Lieshout* em Roterdão, com o qual realizou o projeto *Arsch Bar* (2005) na *Art Basel*, mudou-se para Barcelona para trabalhar com os *B720 Arquitetos* (2007-08).
De volta a Genebra participou em vários concursos com o *Group8 Architects* e juntou-se à equipa de professores do *Lapa* EPFL em 2009.
De 2012 a 2016 trabalhou em colaboração com Daniel Zamarbide sob o nome *Bureau A*.

Foi professor na *Haute école d'art et de design* (HEAD), em Genebra, na EPFL e foi diretor do *Studio for Immediate Spaces* no *Sandberg Institute* em Amsterdão entre 2016 e 2019. Atualmente, é professor na *Accademia di Architettura di Mendrisio*.
Para além de investir continuamente na investigação, intercâmbios culturais e na partilha de conhecimento, este arquiteto tem conduzido inúmeros workshops, debates e palestras em todo o mundo.

Nos últimos anos produziu trabalhos para as galerias *Archizoom* e *Makintosh* em Lausanne, para a Feira de Design de Milão, para o *Musée du quai Branly* em Paris e para a Bienal de Arquitetura de Veneza em 2021. Este último foi galardoado com o Leão de Ouro de Veneza.

leopold banchini architects

Leopold Banchini Architects apresenta-se como um atelier que visa desenvolver uma arquitetura eclética e não dogmática que celebre a simplicidade, a economia e a sustentabilidade. Neste atelier encara-se a arquitetura como uma ferramenta que apoia formas inesperadas e diversas de viver em conjunto e recusa-se a utilização dos edifícios como representações de poder, riqueza ou superioridade cultural. Valoriza-se a poesia da construção em detrimento da composição e admiram-se as respostas diretas a locais e contextos sociais únicos. Procura-se uma estética humilde baseada na veracidade da expressão contra o funcionalismo preconcebido e valoriza-se o temporário, o frágil e o banal.

O atelier *Leopold Banchini Architects* utiliza a criatividade para encorajar alternativas aos métodos comerciais de produção e para expandir as definições tradicionais de realização de projectos, utilizando as culturas DIY como meios de emancipação. Desafia as relações estabelecidas de supremacia do conhecimento e admira a beleza dos edifícios neovernaculares e da inteligência popular.

Este grupo vê as origens dos elementos arquitetónicos para além das fronteiras espaciais e dos períodos históricos e coloca as considerações políticas e ambientais no centro da sua prática, procurando abordar a arquitetura como uma forma de ação social.

there are walls that want to prowl

No ano de 2021, o trabalho de Leopold Banchini e a sua abordagem particular da arquitetura chegam à Bienal de Veneza através da exposição *There are Walls that Want to Prowl*.

Nesta exposição, concebida em colaboração com o artista e curador Lukas Feireiss[2], com o fotógrafo Dylan Perrenoud[3] e com o editor e construtor Lloyd Kahn[4], diversos modelos de edifícios retirados das publicações[5] de Kahn são colocados em paralelo com projetos de Leopold Banchini. Gravações de entrevistas originais e fotografias da propriedade de Lloyd Kahn, em Bolinas, Califórnia, acompanham os modelos.

Através desta combinação pretende-se mostrar como, apesar dos anos que os separam, Kahn e Banchini partilham uma abordagem comum, defendendo uma prática consciente e contextualizada que se baseia na utilização de recursos locais e na concretização de uma arquitetura concebida com o intuito de servir os objetivos e as dimensões mais básicas desta disciplina.

A participação de Banchini na Bienal de Veneza de 2021 foi sintetizada, de forma muito competente, por Noura El-Sayeh[6], arquiteta palestiniana que colaborou em algumas das suas obras, nomeadamente Bab Al Bahrain Square e House for Architectural Heritage.

> *Leopold's recent installation at the 2021 Venice Architecture Biennale, on the builder and utopian thinker Lloyd Kahn, showcases his interest in self-built mostly wooden architecture. That is, by offering a contemporary response to similar issues that first arose in the 1970s, he is thus rethinking the breadth of the architect's possible remit within today's society.*[7]

[2] Lukas Feireiss | curador, artista e escritor alemão, responsável por diversos projetos de comunicação visual.

[3] Dylan Perrenoud | fotógrafo de arquitetura suíço.

[4] Lloyd Kahn | editor, autor, fotógrafo, carpinteiro e arquiteto autodidata americano. Editor e fundador da *Shelter Publications* e um dos pioneiros do *green building movement*.

[5] *Domebook 1* (1970), *Domebook 2* (1971) e *Shelter* (1973)

[6] Noura Al Sayeh | curadora e arquiteta palestiniana formada na EPFL. Atualmente trabalha na BACA (*Bahrain Authority for Culture and Architecture*). Em conjunto com Leopold Banchini foi responsável por *Reclaim*, a primeira participação do Bahrain na 12ª Bienal de Veneza que recebeu o Leão de Ouro de melhor participação nacional.

[7] Holtrop, N. A. S. (2022). Everything and Anything. In *2G 85: Leopold Banchini* (p. 11). Walther und Franz König.

Na sequência da exposição e refletindo sobre os aspetos nela explorados, Lukas Feireiss e Leopold Banchini elaboraram a publicação *Shelter Cookbook* que acaba por funcionar como um prolongamento de *There Are Walls That Want to Prowl*.

Shelter Cookbook explora o conteúdo das publicações sobre a arquitetura da autoconstrução que tornaram Lloyd Kahn conhecido nos anos 70 e relaciona a sua forma de pensar e trabalhar com as práticas contemporâneas do arquiteto suíço Leopold Banchini e do curador alemão Lukas Feireiss.

Banchini e Feireiss descrevem Kahn não apenas como um editor cujos textos os inspiraram profundamente, mas como um pioneiro que moldou o movimento da autoconstrução sustentável nos Estados Unidos da América. Os textos revolucionários de Lloyd Kahn constituíram um contributo decisivo para o desenvolvimento de um movimento de contracultura focado no *de-growth*[8].

Os diversos modelos de *de-growth* apresentados nas publicações de Kahn voltam a ser discutidos, na publicação *Shelter Cookbook*, como alternativas plausíveis às formas convencionais de construção e convivência.

Domebook 1, *Domebook 2* e *Shelter* contam histórias de pessoas que decidiram criar agregados familiares diferentes, reconfigurando um modo de vida mais consciente em relação ao ambiente, contestatário da lógica capitalista e dos seus modos de produção alienantes.

[8] *Degrowth is an idea that critiques the global capitalist system which pursues growth at all costs, causing human exploitation and environmental destruction. Degrowth means transforming societies to ensure environmental justice and a good life for all within planetary boundaries.* Degrowth. (n.d.). *Degrowth*. https://degrowth.info/en/degrowth-definition

Um dos principais elogios às publicações de Lloyd Kahn reside, segundo Lukas Feireiss, no seu carácter didático e utilitário.

> *The beauty with the publication by Lloyd Kahn is that they are so-called meta-manuals. They give you almost like instructions how you can build your own house. One thing he said is "don't wait until you're ready to start".*[9]

[9] Holcim. (2021). Building conversations: Architects inspiring us_ Episode #5: Leopold Banchini - Full Interview.

Para Banchini e para Feireiss, recuar 50 anos e aprender com Loyd Kahn foi muito enriquecedor.

> *For us it was important to look back 50 years which is quite a long time and try to learn from him - his vision on sustainability, on the power of the self building, the ideas that he proposed on how to live together that are coming out of this 70s, 60s revolution for me are still extremely inspiring. In the 70s, clearly people were trying to reinvent a complete world. So the house was only a small part of a complete reinvention of the way people were living together.*[10]

[10] Ibidem

Para além da atualidade da visão de Kahn sobre a sustentabilidade e sobre as potencialidades da autoconstrução, destaca-se a referência à importância do viver em comunidade que Banchini adota como uma das suas principais preocupações e inspirações.

As ideias apresentadas nas publicações de Lloyd Kahn são para Banchini ideias intemporais e sugerem um entendimento mais orgânico e holístico da arquitetura, da construção e da edificação, por oposição a uma forma mais mecânica, puramente funcional e lógica de criar o ambiente construído.

Numa conversa entre Leopold Banchini e Jacques Lucan designada *Soft Architecture*, realizada no contexto da publicação da revista *2G* sobre a sua obra, Banchini refere a forma quase perturbadora como *Shelter*, publicado há mais de meio século, cobre praticamente todas as preocupações que ainda hoje o inquietam e questiona-se como é que aprendemos tão pouco durante este período.

> *Somewhat disturbingly, Lloyd Kahn's Shelter, published exactly fifty years ago, covers almost all of the preoccupations that still concern me today. For me, it seems important to understand, or at least to ponder, why we have learnt so little in half a century. I wonder why we think that we are the ones discovering the solutions, when Lloyd had already presented them back in 1970 as a response to what was defined as a climate emergency. What fascinates me most of all in the constructions of this period is the profound desire to challenge social norms, and, hence, architectural typologies.*[11]

[11] Banchini, L. (2022). Soft Architecture. In *2G 85: Leopold Banchini*. (pp. 143–144). Walther und Franz König.

Como refere, o que mais o fascina nas construções de Kahn é o profundo desejo de desafiar normas sociais instituídas e o papel transformador que esse desejo deve ter na arquitetura. A reflexão crítica sobre o sucesso e o fracasso dessas construções do passado, que designa de "radicalmente poéticas e igualmente utópicas", representa para o arquiteto uma oportunidade para o desenho de novos contributos, quer para o presente, quer para o futuro.

É esta atitude reflexiva e de questionamento em relação às normas que organizam a nossa vida, e sobretudo a nossa vida coletiva, que procura transportar para a sua arquitetura.

Para Banchini a arquitetura deve ter um caráter socialmente responsável e interventivo, respondendo ao que deverá ser o nosso desejo de vivermos juntos e de forma sustentável.

Uma preocupação que ressalta da crítica a uma sociedade que considera cada vez mais individualista e que assume um papel central nos temas que escolhe e na forma como organiza o *design studio* que é o objeto principal deste trabalho.

Ao colocar os alunos perante desafios inusitados de construírem e vivenciarem como coletivos espaços tradicionalmente individualizados, sugere e provoca a transgressão das fronteiras comuns do desenho. Ao fazê-lo, demonstra o caráter emancipatório que a arquitetura pode ter, reconfigurando formas tradicionais de projeto. Um objetivo que deve ser assumido com os outros e não contra os outros, convivendo numa espécie de democracia participativa, que não se contenta com regras formais e assegura os interesses individuais e coletivos.

Ao mesmo tempo, regressa a uma visão ancestral da arquitetura, propondo libertá-la das demandas da sociedade capitalista em que vivemos, e apresentando-a como a tarefa mais simples de construir com os outros a casa para vivermos.

> *Architecture is not about answering direct questions from the capitalist society we live in. It's a much more simple task, as architects. It's working with people to build their own house.*[12]

[12] Holcim. (2021). Building conversations: Architects inspiring us_ Episode #5: Leopold Banchini - Full Interview.

01. *there are walls that want to prowl.*
bienal de veneza de 2021

a borderline millennial

Leopold Banchini concluiu os seus estudos em arquitetura em 2007. Nesse mesmo ano, mudou-se para Espanha, onde procurou iniciar a sua carreira profissional.

Tal como faz questão de enunciar nas suas conferências, há dois acontecimentos que marcam decisivamente o início da sua carreira: em primeiro lugar, o período de grave crise financeira que na altura se vivia em Espanha, tal como em Portugal, que se traduziu numa significativa diminuição das oportunidades de trabalho, designadamente no campo da arquitetura. Em segundo lugar, o acidente nuclear de Fukushima, em 2011.

Estes acontecimentos influenciaram o seu pensamento, levando-o a questionar as práticas correntes da arquitetura e a repensar a sua própria atuação.

Leopold Banchini pertence a uma geração de arquitetos que tem procurado afastar-se do funcionamento habitual dos grandes escritórios de arquitetura que ditaram as tendências no final do século XX e início do século XXI, entre outros, os escritórios de Frank Gehry, Jean Nouvel, Rem Koolhaas.

Esta nova geração de arquitetos herda um espaço de atuação que Koolhaas descreve como o resultado do processo de modernização marcado por invenções brilhantes, lucidamente planeadas pela inteligência humana, impulsionadas pela computação infinita, mas desprovidas de uma coerência global que transforma o seu conjunto numa farsa, num "purgatório de baixo nível".[13]

[13] Koolhaas, R. (2006). *Junkspace*. Notting Hill Editions.

Nos interstícios deste *Junkspace*, como o arquiteto neerlandês o designa, Banchini e a sua geração encontram os contextos e os pontos de partida para os seus projetos. Independentemente da localização e dimensão dos lugares, do programa e da escala do projeto, todas as oportunidades são consideradas válidas e dignas para produzir arquitetura.

Para estes arquitetos, cada encomenda ou projeto não são interpretados como um objetivo, uma finalidade em si mesmo, mas apenas como um ponto de partida gerador de múltiplas possibilidades e resultados diferentes.

> *Leopold is a borderline millennial, a generation that ushered in the shared economy and borrowed ideas, where the importance of creating architecture lies not so much in the authorship, but in the possibility of doing, trying, reusing ideas and delineating possibilities.*[14]

[14] Holtrop, N. A. S. (2022). Everything and Anything. In *2G 85: Leopold Banchini* (p. 10). Walther und Franz König.

Esta realidade, mais do que a uma simples crítica ou abandono das tendências dominantes, conduz a uma perceção diferente da arquitetura, na qual emerge uma visão mais holística do seu exercício.

O trabalho em escritórios mais pequenos potencia e incentiva a criação de parcerias e colaborações, não só entre arquitetos, mas entre todos os parceiros de alguma forma relacionados com o projeto. Banchini, por exemplo, convoca frequentemente a participação ativa de artesãos locais para os seus projetos.

Para além de uma perspetiva mais colaborativa, esta nova perceção da arquitetura integra maiores preocupações ambientais e económicas, centrando-se normalmente em projetos de baixo custo e de menores dimensões, o que, segundo o próprio, lhe oferece a oportunidade de testar ideias e correr riscos que não seriam permitidos em construções de larga escala.

um arquiteto nómada socialmente comprometido

Leopold Banchini é um arquiteto nómada. Trabalha deslocando-se de um lugar para o outro, instalando-se temporariamente em cada um para investigar a combinação perfeita de forma e método construtivo, procurando trazer à tona o espírito de cada lugar.

Os seus projetos distribuem-se por países como Portugal, Bélgica, Suíça, Bahrain, Austrália. O seu escritório também é móvel e tem-se deslocado pelo mundo. Nos últimos cinco anos passou por Lisboa, Barcelona, Sidney e Genebra. A sua equipa é igualmente multicultural e diversificada e, por isso, não será apropriado classificar o seu escritório como um escritório suíço. De facto, não é reconhecível qualquer caráter específico da cultura helvética nas suas obras, a não ser, como sugere Michel Carlana, "a profunda precisão na arte de construir".[15]

[15] Carlana, M. (2022). Originalità e originario. *Casabella 938*, (p. 47)

Para Banchini a prática da arquitetura constitui uma ferramenta universal para descobrir e compreender o mundo. Permite-lhe não só ler a paisagem construída, como perceber o que a envolve e determina. Nesse sentido, propõe-se a manter o seu escritório o mais ágil possível para poder corresponder facilmente ao desejo de o(se) deslocar pelo mundo.

> *I see the practice of architecture as a means to perceive and discover the world. Every project is an opportunity to come face-to-face with new people, new building techniques, and to learn about and understand a specific social, economic and political context. (...) I let myself be guided, and I am always keen to discover more.*[16]

[16] Banchini, L. (2022). Soft Architecture. In *2G 85: Leopold Banchini*. (p. 148). Walther und Franz König.

A sua ligação experiencial a cada um dos locais proporciona-lhe um conhecimento direto, próximo e aprofundado das culturas e dos lugares onde desenvolve os seus projetos.

Quando analisamos as condições de produção de Leopold Banchini, percebemos a importância e o caráter emocional e afetivo que atribui a essa ligação. Cada projeto é encarado como uma oportunidade para conhecer novas pessoas, descobrir novas técnicas construtivas, para se integrar na cultura e no saber fazer local, para aprender sobre um determinado contexto social, económico e político.

Esta forma de atuar estabelece uma linha de coerência entre os seus projetos e define as diretrizes da sua prática, onde se inclui o seu grande interesse pela política e pelas questões sociais. Mas, em vez de tornar estas questões explícitas na expressão da sua arquitetura, Banchini preocupa-se antes em integrá-las num repensar fundamental do papel do arquiteto na sociedade atual.

> *When you are looking for a solution to what you have been told is an architectural problem - remember, the solution may not be a building.*[17]

[17] Webb, M. (1999). Boys at Heart. *Archigram*, 3.

Leopold Banchini entende que o arquiteto deve estar plenamente consciente da situação e do contexto em que atua e que, por essa razão, é importante reconhecer que cada projeto está intimamente relacionado com uma situação política e económica específica. Como tal, considera que é importante não só estar consciente disso, como também ser crítico e atuar consequente e coerentemente. Acredita que é necessário desenvolver uma consciência crítica e perceber que atuar ou não atuar, ou a forma como se atua num determinado local, é também uma opção política. Como refere Feireiss numa entrevista sobre a participação na Bienal de Veneza de 2021:

> *Architecture is not naturally grown, it's a manmade. It's a decision to build in a certain way.*[18]

[18] Holcim. (2021). Building conversations: Architects inspiring us_ Episode #5: Leopold Banchini - Full Interview.

uma escala mais humana

As obras de Banchini são o resultado de raciocínios construtivos que elabora e acompanha com a maior atenção. Para este arquiteto, a construção é uma parte fundamental da sua prática, assim como a ideia de que é possível autoproduzir e que se pode fazê-lo compartilhando momentos com outros profissionais e amigos.

O DIY e a autoconstrução encontram justificação na sua convicção sobre a necessidade de pensar a arquitetura como um processo simples e facilmente decifrável. A prática de Leopold Banchini é frequentemente marcada por uma componente didática, incorporando workshops com estudantes e outros interessados, e pelo envolvimento das populações numa construção participada que procura juntar comunidades e servir para a partilha de conhecimentos.

Esta ideia encontra algum paralelo com a tradição inglesa do *barn raising*, que ainda hoje é utilizada pelos *Amish*, nos Estados Unidos da América. A comunidade junta-se para construir ou reconstruir coletivamente um celeiro. Fazem-no, sem recurso a máquinas, de forma extremamente rápida e como se de uma celebração se tratasse.

A construção em grupo é uma situação recorrente em vários projetos de Banchini como, por exemplo, no pavilhão Moon Ra, concebido para o *Horst Festival*, em Vilvoorde, na Bélgica. Foi construído durante uma semana por estudantes de design num workshop de construção.

Como refere Noura Al-Sayeh[19], o interesse de Banchini em repensar e simplificar o processo arquitetónico, reduzindo-o a uma escala mais humana, parece residir, primordialmente, numa vontade de recalibração da arquitetura.

[19] Holtrop, N. A. S. (2022). Everything and Anything. In *2G 85: Leopold Banchini* (p. 13). Walther und Franz König.

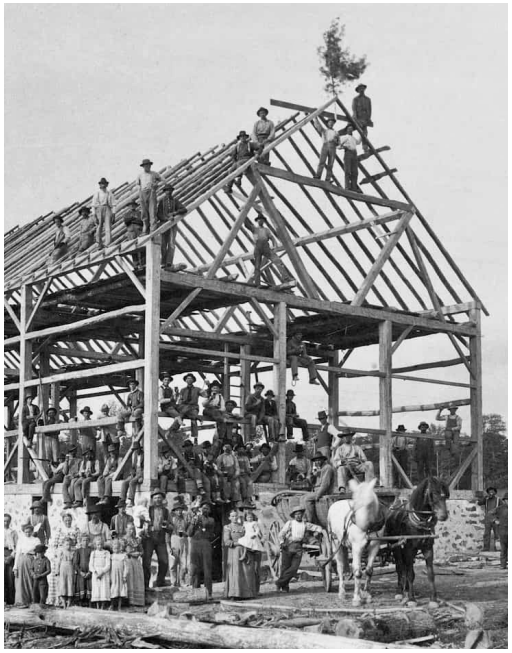
Esta vontade pode ser vista como uma reação contra a crescente profissionalização e corporativização do campo da arquitetura e um regresso a uma abordagem mais fundamental da construção, à semelhança das ideias que surgem na base do pensamento de Lloyd Kahn que é uma das maiores influências de Leopold Banchini.

A valorização da construção não se materializa apenas através do processo didático tornado coletivo, mas também pela íntima ligação que se estabelece com os modos de produção locais. Apesar dessa intenção não aparecer explicitamente enunciada nos seus projetos, ela existe como uma condição subjacente, em particular, na simbiose que promove com as condições envolventes e nas parcerias que estabelece com os artesãos em cada lugar.

Esta atitude construtiva que privilegia a participação e a construção locais, com materiais acessíveis e intimamente integrada nos respetivos contextos, é uma característica distintiva da sua arquitetura. Em vez de uma linguagem comum facilmente reconhecível, como acontece frequentemente no mundo da arquitetura, os seus projetos partilham uma identidade que se alicerça no processo construtivo e numa certa racionalidade dos meios.

> *I am interested in the architectural expressions of a certain economy of means, and also the breaking down of hierarchies in the "nobility" of materials. I seek a balance between the crafted tectonic beauty of the projects, and the more spontaneous improvisation of the self-built. But, above all, I believe that it's all about offering the maximum spatial qualities with minimum resources, I readily stand up for the eclecticism that can result from approaching architecture in this way!* [20]

[20] Banchini, L. (2022). Soft Architecture. In *2G 85: Leopold Banchini*. (p. 148). Walther und Franz König.



02. tradição do "*barn raising*"
03. workshop de construção do palco Moon Ra.

bricoleur e autoconstrutor

A resolução criativa de problemas a partir dos recursos disponíveis constitui um padrão de pensamento que Lévi-Strauss designou de *bricolage*[21]. Em oposição ao pensamento racional dos engenheiros, que parte dos objetivos a atingir para a busca dos meios necessários para o efeito, este tipo de prática conforma-se com o existente e procura a partir daí as soluções para os problemas.

Banchini encontra inspiração no pensamento de Strauss e reconhece o *bricolage* como ferramenta essencial para a conceção de uma arquitetura que procure servir apenas os seus objetivos mais elementares.

Tal como o *bricoleur* de Strauss, Banchini é atraído pela simplicidade e pela mitopoética que nasce muitas vezes na linha ténue que separa o banal e o inesperado. A par disso, acredita que o engenho, o saber-fazer, é uma qualidade muito mais preciosa do que a inovação técnica.

> *If you can't see the architecture in ordinary things, you're not looking closely enough. Great architecture doesn't rely on bespoke details, expensive materials and grand gestures. It manifests wherever people and resources come together to serve a common purpose. Just as all ideas are inherited, ready-made solutions are usually close at hand. We believe that ordinary things are always better.*[22]

[21] Lévi-Strauss, C. (1962). *The savage mind*. The University Of Chicago Press.

[22] Other architects. (2022). *Ordinary, as opposed to exclusive*.

Banchini assume-se como um *bricoleur*, a quem não causa qualquer confusão a ideia de se contentar com um conjunto limitado de recursos disponíveis. Intimida-o mais a liberdade criativa do que os constrangimentos existentes, que não impedem ou limitam uma visão plenamente aberta à inventividade e que desencadeiam processos reativos de criatividade.

A defesa do regresso a uma visão mais cíclica e ancestral da arquitetura, colocando o ser humano no centro dos modos de produção e assumindo as contingências do tempo e do lugar, resume uma perspectiva crítica que questiona determinadas escolhas e encontra semelhanças com a Arte Póvera[23].

> *When it comes to personal philosophy, I choose my simple old bike over a new electric car. I make the same choices when it comes to architecture.*[24]

Ao *bricolage*, ou DIY, corresponde uma ética que Carlsson descreve como uma ética de emancipação e que, segundo Banchini, permite afastar-se da visão mais modernista e funcionalista da arquitetura.

> *The Do It Yourself (DIY) ethic seeks to overthrow the idea that we will be provided for. We will provide for ourselves, through educating each other, through collective decision making. It fits into this larger concept of an ideal society.*[25]

[23] "*(...) there's a poor art, engaged with the contingency, with the event, with the historical, with the present, with the anthropological conception, with the real human, the hope—which has become certainty—of throwing away any univocal and coherent discourse.*"
Celant, G., *Arte Povera—Appunti per una guerriglia*, Flash Art, no. 5 November-December 1967

[24] Banchini, L. (2022). Soft Architecture. In *2G 85: Leopold Banchini*. (p. 147). Walther und Franz König.

[25] Carlsson, C., *Nowtopia*. Stirling: AK Press, 2008.

Ao contrário da ideia equivocada e redutora de uma construção improvisada no local, o *bricolage* exige um planeamento meticuloso da forma como as coisas serão construídas. Um bom planeamento permite que as construções sejam rápidas, viáveis e eficazes e possam contar com a colaboração de pessoas que não necessitam de ser especialistas em arquitetura.

Contudo, para que esse planeamento seja eficiente deve ser elaborado por alguém que conheça os processos e as lógicas construtivas e tenha noção da sequência de esforços que são necessários para a construção de um edifício. Quando nos apercebemos dos passos que são necessários para construir algo, tendemos a ser mais prudentes ao lidar com exceções e complicações formais. Isto é, começamos a desenhar "como se constrói um espaço".

Leopold Banchini entende a arquitetura como o resultado de escolhas construtivas simples e não consegue separar o processo criativo da compreensão das ações do construtor. Enquanto a maioria dos arquitetos utilizam competições, ensaios, maquetes em escala reduzida ou *renders* para experimentar novas formas e ideias, este arquiteto prefere testar as suas ideias através da construção.

Cada processo de construção é uma celebração e cada projeto representa uma oportunidade para explorar materiais e detalhes, sendo igualmente um campo de experimentação livre de quaisquer preconceitos em relação ao ambiente construído. Acima de tudo, Banchini valoriza tanto o ato de construir quanto o resultado final.

dimensão cenográfica e performativa

Banchini procura reconectar o ato de construir a um ato coletivo e performativo onde o processo é tão importante quanto o resultado final e onde o utilizador adquire um papel muito relevante no desenho dos espaços.

Um aspeto comum a todas as construções de Banchini, sejam elas destinadas à comunidade (festivais, espaços públicos), ou para uso doméstico, é o facto de todas elas irradiarem o conceito de partilha, proporcionando aos seus utilizadores um sentimento de realização e de pertença.

Este aspeto poderá estar ligado ao início da prática projetual de Leopold Banchini pois, tal como acontece com muitas experiências arquitetónicas emergentes, a prática deste arquiteto também começou com projetos para eventos temporários, festivais, palcos e cenografia.

O carácter performativo e de experimentação do espaço tornou-se um fator determinante no seu trabalho. Os espaços são pensados como o palco para uma cenografia habitada e que, por conseguinte, não podem negligenciar o movimento das pessoas, nem a essência fundamental do habitar: cuidar e estabelecer uma relação sentimental com o nosso contexto.

O movimento das pessoas dentro desses espaços assume um caráter transformador e gerador de possibilidades, tornando-se uma componente essencial da conceção arquitetónica. Espera-se que essas dinâmicas provoquem interações inesperadas e dêem vida aos espaços.

Uma perspetiva em sintonia com a visão de Lefebvre[26] que concebe o espaço como um produto indissociavelmente ligado à realidade social e, no caso concreto, especialmente ligado à sua dimensão da prática espacial: a perceção não ocorre apenas no plano abstrato, mas sobretudo no plano da materialidade concreta e produzida.

Ao valorizar a reflexão sobre a forma como o espaço deve ser construído e a participação nessa construção, Banchini torna essa prática extensiva ao início da sua conceção, vendo o público não apenas como um utilizador final, mas sim como um elemento inerente a todo o processo de design.

[26] Lefebvre, H. (1991). *The production of space*. Blackwell.

uma arquitetura de passagens e oportunidades

Leopold Banchini surge frequentemente como cliente das suas próprias obras, desafiando a abordagem convencional dos arquitetos, que normalmente dependem de encomendas de organismos públicos, clientes privados ou instituições. Deste modo, procura a autonomia e a liberdade que considera indispensáveis para a imaginação de espaços que correspondam inteiramente à sua visão, libertos de determinadas restrições e imposições.

Ao tomar a iniciativa, criando a oportunidade para as suas próprias encomendas e inventando em cada projeto o seu próprio campo de atuação e investigação, assume um protagonismo raro enquanto arquiteto. Como diz, a propósito, Stéphanie Bru:

> *It's different when the architect becomes their own client, in a bold declaration of the desire to create their own commissions, to set their own constraints. This approach necessarily challenges our modes of operation, the way we produce architecture. The best projects are always those in which the client is also a protagonist in the search, creating possibilities outside of the pre-established norms.*[27]

[27] Bru, S. (2022). Free constructing. In *2G 85: Leopold Banchini* (p. 7). Walther und Franz König.

Esta opção é também ideológica na medida em que assume o carácter intransigentemente político da arquitetura. Ao mostrar a ousadia de enveredar por outras formas de produção arquitetónica, manifesta a irreverência que alimenta o debate e gera oportunidades. A arquitetura de Banchini é, nesse sentido, uma arquitetura de "oportunidades", como também refere Bru.

Mas, se por um lado, a sua arquitetura lida com "oportunidades", no sentido em que cria o seu próprio campo de ação e estabelece os seus próprios pontos de partida, lida também com a ideia de transitoriedade num contexto em rápida alteração.

Como a economista Sabine Oberhuber e o arquiteto Thomas Rau afirmaram numa entrevista integrada na contribuição alemã para a 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, edição em que Banchini também participou:

> *We understand that everything is limited in space and in time; especially our needs and their possible answers. We understand that architecture is only a temporary response to a temporary need.*[28]

[28] Oberhuber, S., & Rau, T. (2021). *2038 - The New Serenity.*

Ao reconhecer a temporalidade da arquitetura, mas também a sua indiscutível relação com a sustentabilidade de um mundo em constante mudança, Banchini assume a não-permanência como uma condição fundamental dos seus projetos e, por conseguinte, para além de uma arquitetura de oportunidades, a sua arquitetura pode também ser considerada uma arquitetura de "passagens".

> *Life comes before architecture. Life comes after architecture. No work exists in isolation. Every action is part of a continuum. To build something is to create a hole in a larger fabric, and then to repair that hole with something new. Nothing endures in a fixed and perfect state. Buildings are sandcastles, temporarily formed by materials and energy destined for redisperal. We have come to believe that time is the most important element of design.*[29]

[22] Other architects. (2022). *Ordinary, as opposed to exclusive.*

Os seus projetos apontam para a ideia de circularidade, ambicionando produzir estruturas que, adequadamente desenhadas e equipadas, conservem a possibilidade de outros usos futuros, ainda que sujeitas à imprevisibilidade dos dias que vivemos.

Leopold Banchini acredita que o século XXI precisa de conceber uma arquitetura "suave" e "alternativa", mas sem perder de vista a resposta ao desafio de termos a maioria das populações a viver em cidades.

Reconhecendo que a alternativa não pode ser simplesmente um retorno ao isolamento na natureza e, por outro lado, que conceber um habitat de alta densidade sem perder as qualidades da arquitetura suave é um desafio considerável, sugere desconstruir os padrões de habitação em massa tradicionalmente estabelecidos pelo modernismo.

Assumindo a sua irreverência e desassombro em relação a possíveis soluções alternativas, aponta os ambientes neovernaculares e autoconstruídos como uma alternativa para os padrões anteriormente descritos e lembra que os ambientes autoconstruídos são cativantes porque, de certa forma, nos recordam que as cidades não são mais do que algo que podemos construir mesmo sem autorização, mesmo sem gruas e, mais importante, mesmo sem capital.

> *Self-design is still a core aspect of how neo-vernacular could have the potential to generate more empowering spaces. There is something about how a self-built space completely eludes the commodification of space, but at the same time is a positive affirmation of the existence of its designer(s).*[30]

[30] Berthet, M.-A. (2020). A love from outer space: some thoughts about neo-vernacular spaces and the importance of reclaiming things. In *Immediate Spaces 16-19*. (p. 129). Park Books.

02 projetos

leopold banchini architects

55 Antoine | 2014 | Verbier, Suíça

58 Dodged House | 2017 | Lisboa, Portugal

60 Casa do Monte | 2018 | Lisboa, Portugal

64 Casa CCFF | 2017 | Genebra, Suíça

68 Bab Al Bahrain Square | 2021 | Manama, Bahrain

70 Marramarra Shack | 2021 | New South Wales, Austrália

74 Atelier Hawkesbury | 2021 | New South Wales, Austrália

76 Moon Ra | 2021 | Vilvoorde, Bélgica

78 3-8 Centre Georges Pompidou | 2018 | Paris, França

80 Al Naseej Textile Factory | 2020 | Bani Jamrah, Bahrain

84 House for Architectural Heritage | 2018 | Muharraq, Bahrain

antoine

com daniel zamarbide

A primeira obra da carreira de Banchini, o abrigo **Antoine**, antecipa duas das principais reflexões da sua arquitetura: um permanente questionamento sobre as formas de habitar e sobre o abrigo enquanto forma mais básica da arquitetura construída. Um abrigo que pode ser uma casa, um atelier, um gazebo, mas também um refúgio construído à custa dos mais variados materiais ou nos lugares mais peculiares.

Antoine é uma rocha falsa empoleirada numa montanha que esconde, no seu interior, um pequeno espaço pré-fabricado em madeira, com tamanho suficiente para abrigar uma pessoa. O refúgio alpino oferece condições mínimas de existência para uma noite, através dos elementos arquitetónicos mais básicos - lareira, cama, banco, mesa e janela. A porta não tem fechadura e permite a entrada a quem quiser pernoitar.

Este espaço, que foi inteiramente construído por Leopold Banchini num programa de residência artística, convoca uma situação paradoxal - por um lado, procura dissimular-se na natureza ao imitar a morfologia de uma rocha, por outro, ao ser construído em betão, reconhece a artificialidade que lhe é inequívoca.

> *Antoine is designed in such a way that it completely disappears within the surrounding landscape. Built out of concrete, the structure is made to look like a boulder that has become detached from the mountain. The project adopts a military logic, i.e. the complete assimilation and camouflaging within its setting. By emulating the landscape within which it is built, the project simultaneously solves many of the construction challenges of building in a such a remote site; that is, it borrows certain morphological solutions from nature, while accepting its artificiality through the use of concrete.*[31]

[31] Holtrop, N. A. S. (2022). Everything and Anything. In *2G 85: Leopold Banchini* (p. 14). Walther und Franz König.

dodged house

com daniel zamarbide

Uma lógica de dissimulação idêntica é adotada na fachada da **Dodged House**, uma casa privada situada numa zona histórica da cidade de Lisboa, onde o arquiteto opta por preservar a fachada original de forma a garantir o enquadramento da casa na respetiva envolvente.

Esta opção enfatiza as noções de reutilização e reaproveitamento presentes na obra de Leopold Banchini, ao mesmo tempo que revela o lado mais interventivo e socialmente comprometido da sua arquitetura. O arquiteto escolhe manter as janelas entaipadas como forma de crítica social evocando os tempos conturbados que marcaram os anos de crise financeira em Portugal.

Esta crise foi o motor de movimentos em sentidos opostos. Enquanto um número significativo de pessoas foi obrigado a deslocar-se para a periferia da cidade, um conjunto de turistas internacionais foi atraído pelo charme das suas zonas históricas.

Em consequência, assistiu-se a uma rápida renovação e transformação das casas do centro histórico o que, por outro lado, também criou um mercado de aluguer turístico agressivo gerador de uma situação socialmente complexa e comprometedora para os habitantes da cidade.

Não se mostrando indiferente ao contexto social e político de Lisboa, Banchini opta por um desenho do espaço interno que contraria a tendência de sobrexploração das áreas habitáveis associada ao mercado disruptivo do aluguer turístico.

Numa parcela de dimensões bastante reduzidas - cerca de 40m^2 no rés-do-chão, num total de 94m^2 de área total - a **Dodged House** apresenta uma organização particular do espaço doméstico que a transforma numa verdadeira máquina de habitar.

05. *dodged house*, lisboa

O projeto responde à complexidade do programa funcional através de um novo protótipo residencial. Banchini propõe uma estratificação vertical que se desenvolve como um conjunto de degraus invertidos, permitindo que o vazio do rés-do-chão se prolongue até ao nível superior.

Os vários programas da vida doméstica são distribuídos pelos diversos pisos. Cada um dos espaços assim definidos é separado do espaço principal da casa por um vidro. Esta relação visual permanente transforma o espaço principal no auditório do espetáculo de viver, como descreve Noura Al Sayeh na monografia *2G Leopold Banchini*.

> *The Dodged House pushes this concept [theatrical stage] even further by staging all the different living programmes, from the bedroom to the bathroom (regardless of their generally desired level of privacy) behind a glass display. This cascading internal façade overlooks the main living space of the room that duly becomes the auditorium of the spectacle of living.*[32]

[32] Holtrop, N. A. S. (2022). Everything and Anything. In *2G 85: Leopold Banchini* (p. 12). Walther und Franz König.

casa do monte

A **Casa do Monte**, à semelhança da **Dodged House**, é um projeto residencial privado, encomendado pelo próprio arquiteto e construído no centro histórico de Lisboa. Este tipo de projeto constitui uma oportunidade cada vez mais rara e um interessante desafio para construir numa lógica contemporânea em zonas arquitetonicamente protegidas por regulamentos antiquados e pouco flexíveis.

Os projetos destas duas casas retratam uma postura que rompe com os códigos mais conservadores da sociedade e que procura questionar as formas de habitar, redesenhando as fronteiras, anteriormente rígidas, entre privado e público.

> *The Casa Do Monte and the Dodged House are designed as a series of stages and platforms that overlook one another and stage the mundane acts of day-to-day life. They are either designed for exhibitionism or to suggest that the private sphere is merely an extension of the public, or the idea that the collective prevails over the individual.*[33]

[33] Ibidem

À semelhança do que acontece na **Dodged House**, as aberturas históricas e regulares da fachada da **Casa do Monte** são preservadas, mas os interiores são desenhados com o objetivo de criar espaços maiores e mais fluídos. As lajes dos pisos são recortadas em sítios criteriosamente pensados, assegurando uma boa comunicação entre pisos, uma sensação de amplitude e uma iluminação natural em toda a casa.

Em cada piso, o espaço central é um volume fechado, construído em mármore, que acolhe as necessidades básicas de uma habitação: camas, duches, cozinha e equipamento técnico.

O mármore rosa, proveniente de uma pedreira de Estremoz, é o principal material utilizado nos interiores. É ocasionalmente complementado por portas de correr em madeira e cortinas de tecido leve que criam divisões visuais e ajudam a proporcionar alguma intimidade. A estrutura de betão é deixada à vista.

No piso de entrada, um pátio de paredes revestidas com azulejos tradicionais locais abre a casa para o exterior. Os vários níveis da casa são conectados por uma escada em espiral que ascende até à cobertura. Aqui, um espaço com piscina e sombreado por três pinheiros oferece uma vista panorâmica sobre a cidade de Lisboa.

06. *casa do monte, lisboa*

casa ccff

Tal como acontece com as casas da capital portuguesa, onde o arquiteto se assume como o próprio cliente das obras, desafiando os regulamentos de construção conservadores e inventando a sua própria moldura e o seu próprio campo de ação, também no projeto da **Casa CCFF**, Banchini propõe-se a desafiar os contextos habituais da arquitetura.

Esta casa é construída num terreno abandonado, situado numa área semi-urbana em Genebra, à época em remodelação como um novo centro de negócios. Localizado junto à linha de comboio, este projeto atesta a possibilidade de investimento em terrenos abandonados nas periferias dos centros urbanos e da construção de tipologias habitacionais experimentais em locais não habituais.

Inspirada pelo contexto envolvente, esta casa funciona como uma fábrica doméstica suspensa sobre um jardim que permanece como uma remanescência do lugar original.

Numa relação de reciprocidade, a casa integra-se na envolvente, com os seus telhados a imitar os telhados industriais circundantes, ao mesmo tempo que o seu interior se abre de forma cuidadosamente enquadrada para a paisagem urbana dos caminhos de ferro.

Apesar das suas vistas contidas para o exterior, desenhadas em fachadas maioritariamente cegas, o interior da casa é inundado de luz através de um sistema de pátios, originando uma atmosfera íntima e bem iluminada.

A forma como reinterpreta o vocabulário da arquitetura industrial na expressão exterior da casa esconde uma organização interna aberta e ampla.

No primeiro andar, os espaços habitacionais são organizados em torno de dois jardins interiores. Sob o volume suspenso, o espaço original preservado funciona como estacionamento e como um amplo espaço coberto que permite desfrutar da vida ao ar livre. Cada elemento arquitetónico colocado na planta quadrada foi concebido especificamente para a simplicidade da casa.

Assumindo-se como uma alternativa às casas de betão suíças, frequentemente assentes em pesadas fundações deste material, esta casa utiliza materiais económicos e a pré-fabricação para minimizar os custos e o tempo da construção. Quase toda a estrutura da casa é construída em madeira, testando ao máximo as capacidades estruturais deste material. A utilização do betão reduz-se às fundações.

Com claras preocupações ambientais, a casa alcança altos níveis de isolamento e maximiza o aproveitamento da energia solar, evitando a dependência de combustíveis fósseis.

07. *casa ccff*, genebra

O tema do abrigo, mais ou menos provisório, mais ou menos efémero, e que pode muitas vezes ser desmontado e transportado para outro local, percorre toda a obra arquitetónica de Leopold Banchini e enquadra-se nos contextos dos locais onde atua.

bab al bahrain square

com noura al sayeh

A **Bab Al Bahrain Square** é mais um exemplo de abrigo na obra deste arquiteto. Concretizado sob um pedaço de tecido, este projeto remete para a dimensão têxtil da arquitetura e para a sua capacidade de definir e transformar um espaço.

> *The textile dimension of architecture has a magical effect: the covering of a non-space - even with just a piece of stretched fabric - transforms it into a new place of sociability, and even a new political space.*[34]

[34] Bruther. (2022). Free constructing. In *2G 85: Leopold Banchini* (pp. 5–6). Walther und Franz König.

Construído no âmbito da Manama Capital da Cultura Árabe 2012, o projeto da **Bab Al Bahrain Square** transforma temporariamente o espaço da praça procurando reestabelecer um profundo sentido de lugar e redefini-la enquanto espaço central da vida urbana.

O protagonista deste projeto é o tecido leve e translúcido que é habitualmente utilizado para proteger os campos agrícolas do sol. Ao usá-lo Banchini demonstra a possibilidade de materiais têxteis na arquitetura abrindo espaço para a utilização de materiais habitualmente invulgares nesta área

Sob o tecido, repousa um espaço sombreado, com condições climáticas mais controladas e trânsito mais reduzido, modificando, naturalmente, a perceção que os habitantes têm do mesmo. Estas novas condições permitem que o público ocupe as ruas e se reúna para diversas atividades. Além do tecido, grandes mesas de aço galvanizado, construídas numa oficina local, são adicionadas à praça.

08. *bab al bahrain, manama*

marramarra shack

Marramarra Shack é uma encomenda familiar localizada junto à margem do rio Hawkesbury na pequena comunidade de Marramarra Creek, Sidney. Esta comunidade estabelecida por colonizadores no início do século XIII, permanece sem rede elétrica até aos dias de hoje e o acesso à mesma só pode ser feito de barco.

Esta casa é construída inteiramente em madeira de diversos tipos. Exemplo disso são os pilares da estrutura, onde se reutilizam postes de eletricidade com mais de cem anos.

Por imperativos da legislação local, apenas a fachada da casa utiliza outro material que não a madeira, sendo revestida com finas placas de fibrocimento resistentes ao fogo, essenciais para a proteção e para a legalização da casa.

A sua configuração volumétrica demonstra uma grande sensibilidade do projeto às condições topográficas do local. A sua secção longitudinal, em degrau, adapta-se perfeitamente ao declive do terreno.

Este encaixe permite que a estrutura seja ancorada à rocha de arenito apenas em pontos específicos evitando o recurso a pesadas fundações de betão. Esta opção reduz não só o impacto no local, mas também o número de trabalhadores e máquinas necessários durante a construção.

O interior da habitação procura tirar partido da localização particular da casa ao concentrar-se numa única e ampla janela virada para a margem do rio. Esta janela, que pode ser levantada através de um sistema de contrapesos desenhado pelo arquiteto, convida a paisagem a entrar no ambiente revestido a madeira, diluindo a fronteira entre o interior e o exterior.

Numa zona mais privada da casa, dois quartos abrem-se para um pequeno pátio privado. No meio das copas das árvores, a cobertura da casa oferece um amplo terraço, ao mesmo tempo que recolhe águas pluviais, energia solar e garante a auto-sustentabilidade do edifício.

O recurso aos materiais característicos da região e a integração cuidadosa na topografia do terreno garantem a coesão e a consistência da intervenção do arquiteto, ao mesmo tempo que conferem à intervenção uma certa intemporalidade.

A localização da casa num terreno especialmente desafiante e a dificuldade do acesso exigiram uma ponderação muito cuidadosa sobre os materiais a utilizar, que precisavam de ser transportados exclusivamente de barco. Os equipamentos de trabalho foram otimizados, por exemplo, recorrendo apenas a uma única ferramenta de corte, substituindo as lâminas de acordo com o material a ser cortado.

09. *marramarra shack*, marramarra creek

atelier hawkesbury

A poucos metros da **Marramarra Shack**, Leopold Banchini construiu o **Atelier Hawkesbury** - um pequeno abrigo situado à beira do mesmo rio.

Uma vez mais, o projeto para este espaço procurou tirar partido das características do terreno existente e minimizar o uso de recursos.

A opção passou por utilizar as rochas de arenito do terreno como elemento de sustentação para uma estrutura leve construída por vigas de madeira local de 1x1 polegadas e placas de policarbonato translúcido.

Além de assegurar a leveza e a capacidade de desmontagem do espaço, os materiais selecionados proporcionam uma iluminação adequada e uma conexão permanente com a floresta.

A **Marramarra Shack** e o **Atelier Hawkesbury** são dois projetos construídos em locais remotos que refletem um crescente interesse em sair da norma e reinventar as perspetivas da vida na natureza. As possibilidades arquitetónicas, concretizadas utilizando materiais disponíveis num pequeno raio local, mostram que, tanto construtiva, como estilisticamente, este regresso à natureza é possível acontecer no século XXI.

10. *atelier hawkesbury*, marramarra creek

moon ra

A ideia de abrigo é também concretizada na construção do palco Moon Ra, para o *Festival Horst*, em Vilvoorde, Bélgica. Neste projeto a experimentação, a temporalidade, a *performance* e o reaproveitamento são palavras-chave.

Este palco foi construído utilizando somente materiais reaproveitados do *Feathers Stage*, o pavilhão criado pelo escritório português, *Fala Atelier*, para o mesmo festival em 2019. A antiga pista de dança foi desmontada e os seus materiais catalogados e reutilizados com um outro propósito no novo pavilhão.

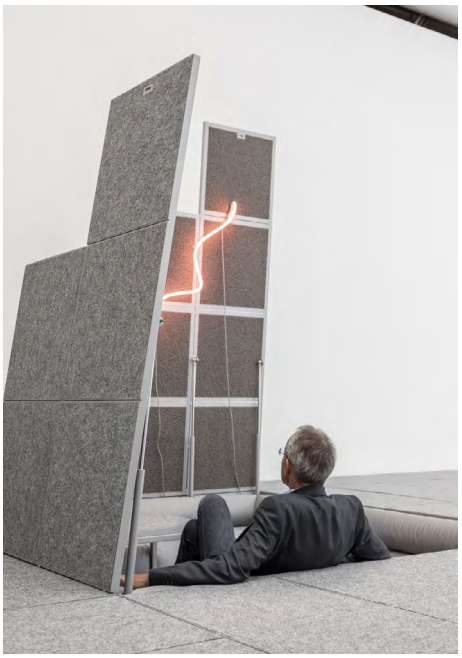
Com intenções distintas das do escritório português, Leopold Banchini privilegia a construção e escolhe projetar um simples telhado em vez de uma pista de dança bem decorada.

O telhado, com a forma de um cone truncado, envolve e abriga os participantes em torno de uma fogueira, que se torna o ambiente central deste espaço. A estrutura apoia-se diretamente no solo e permite que os dançarinos estejam descalços e tenham um contacto direto e quase primordial com o solo.

No topo da estrutura, um óculo rotativo estabelece a relação com o exterior ao permitir a passagem do ar, do fumo da madeira queimada e também dos raios de sol.

Esta estrutura foi montada exclusivamente por estudantes de design durante um workshop de uma semana. Este é o tipo de projeto para o qual Leopold Banchini é frequentemente solicitado - projetos onde não há dinheiro nem materiais suficientes para a construção e o arquiteto é obrigado a reinventar-se para cumprir os objetivos propostos.

11. *moon ra*, vilvoorde



12. *3-8, centre georges pompidou*, paris

O carácter performativo e de experimentação e o público não como utilizador final, mas como um elemento inerente ao design, são ideias fundamentais na arquitetura de Leopold Banchini.

3-8, centre georges pompidou

com laurel jaffuel

À semelhança do palco **Moon Ra**, também a instalação **3-8** no *Centro Georges Pompidou* sustenta esta ideia. São projetos onde os espaços pedem para serem transformados pelo público e, por isso, o movimento das pessoas torna-se numa componente essencial da conceção arquitetónica.

A **3-8** é uma instalação permanente numa das salas de exposição do quarto piso do *Centro Georges Pompidou* em Paris, que funciona como um espaço educativo. Destina-se a acolher conferências, workshops e palestras. Esta instalação volta a mostrar o lado mais interativo e performativo da arquitetura de Leopold Banchini, assim como a importância do utilizador enquanto elemento ativo na definição do projeto.

Utilizando o desenho dos escritórios tradicionais como referência, e recorrendo aos mesmos materiais, às mesmas texturas e à habitual cor cinzenta, Banchini procura transportar os utilizadores para o universo estandardizado do mundo do trabalho.

Aí chegados, confronta-os com novas e subversivas formas de uso, remetendo-os para um mundo paralelo de lazer, que esconde sob a superfície do tapete. As mesas podem ser levantadas, o chão pode assumir diferentes configurações, criando um espaço de possibilidades aparentemente infinitas.

Através da relação que se estabelece e de forma quase provocatória, promove o questionamento acerca da relação com o mundo do trabalho alienante e, desse modo, encoraja a evasão desse universo.

Tomando como referência o utilizador e, neste caso concreto, o trabalhador de escritório, esta instalação dá uma especial atenção à ergonomia. As suas formas, potenciadas pela integração da tecnologia, respondem a essa preocupação ditada pela necessidade de posturas de trabalho adequadas. Uma preocupação idêntica é igualmente atendida, ainda que de forma diferente, no projeto da **Al Naseej Textile Factory**.

al naseej textile factory

Al Naseej Textile Factory é uma instalação de tecelagem e um espaço social para artesãos da aldeia de Bani Jamrah, no Bahrain. Recuperando as tradições e as técnicas locais da construção e do artesanato, procura reproduzir as condições naturais das antigas paisagem rurais, revelando uma firme convicção na importância do *de-growth*.

A estrutura do edifício é concebida através de uma grelha de colunas e vigas de madeira, que faz alusão às plantações de tamareiras do norte da ilha e procura servir como princípio organizador do espaço. Esta grelha é também aplicada ao alçado onde as palmeiras do interior do edifício ganham protagonismo e quebram com a sua horizontalidade.

Construída com materiais disponíveis na região, esta instalação é simultaneamente um jardim e um edifício. No seu interior, espaços delimitados por painéis de vidro procuram dar resposta às necessidades definidas no programa. A envolvê-los, o espaço sombreado, a vegetação, a rede de águas e zonas de estar procuram oferecer um espaço refrescante e agradável para a comunidade de Bani Jamrah.

13. *al naseej textile factory*, bani jamrah

house of architectural heritage

com noura al sayeh

Também localizada no Bahrein, mas na cidade de Muharraq, a **House for Architectural Heritage** é um espaço destinado a exposições de arquitetura e alberga o arquivo de esboços e desenhos do arquiteto John Yarwood[35].

O espaço de exposições encaixa-se entre os edifícios adjacentes, revelando-se como uma vitrine da herança arquitetónica da cidade, que procura conjugar o património antigo e o património mais recente da cidade de Muharraq. É construído em betão armado, contrastando com os materiais predominantes da cidade, nomeadamente o calcário coralino.

As fachadas do edifício contêm portas de correr que são facilmente eleváveis, abrindo o espaço expositivo para a cidade e transformando o próprio edifício numa passagem pública.

O edifício e a cidade fundem-se numa tentativa de privilegiar e incentivar a participação e o envolvimento comunitário num bairro onde os habitantes se sentem frequentemente excluídos.

Este projeto e as opções do arquiteto mostram a importância do desenho do espaço no desenho da vida e das relações da comunidade, revelando a arquitetura como agente social capaz de influenciar o quotidiano e as ações dos seus utilizadores.

[35] John Yarwood residiu na cidade de Muharraq entre 1983 e 1985 onde desempenhou funções de Chefe do Departamento de Renovação Urbana no Ministério da Habitação. Os seus esboços e as suas fotografias, constituem uma das mais relevantes fontes de documentação sobre o património arquitetónico de Muharraq.

14. *house of architectural heritage*, muharraq

03 **neotopia**

atelier banchini | accademia di architettura di mendrisio

89 o design studio

101 greenhouse experience

117 vengo

124 a house between two water tanks

o design studio

Neotopia é o nome dado por Leopold Banchini ao *design studio* que orienta, desde 2021, na *Accademia di Architettura di Mendrisio*. O nome encontra inspiração na procura por utopias neovernaculares que ambicionam contrabalançar o nosso presente distópico. Neotopia 2 corresponde à segunda edição deste *design studio* que se realizou durante o semestre de outono de 2022.

O *design studio* Neotopia é intensamente informado e influenciado pelo *Studio for Immediate Spaces*, que Leopold Banchini orientou entre 2016 e 2019 na *Sandberg Instituut* em Amsterdão, antes de se tornar professor da Accademia di Architettura di Mendrisio.

No texto "*Get Lost*" para a publicação *Immediate Spaces 16-19*, Banchini procura definir o seu estúdio através de um conjunto de intenções que, globalmente, são idênticas às enunciadas para o *design studio* na AAM.

> *We defined them as follows: one, the studio will investigate the spaces too often neglected by the traditional architecture and interior architecture education; two, the studio will focus on the spaces created by our contemporary culture without the help of professionals; three, the studio will be equally interested in the social conditions and the political context of spaces as in their architectonic components; four, the studio will analyse these spaces through artistic research and with the help of DIY and hands-on production methods of investigation; five, the studio will learn from the genius of neo-vernacular and the beauty of collective intelligence and popular cultures; six, the studio will promote an interdisciplinary approach but will value the specific tools developed by spatial disciplines; seven, the studio will constantly produce full-scale immediate spaces through experiments, workshops, common and individual projects.*[36]

[36] Banchini, L. (2020). Get Lost. In *Immediate spaces: 16-19* (p. 125), Park Books.

15. *planta de implantação do caso de estudo.* almería.

Este conjunto de intenções pode ser organizado e sintetizado em torno de três princípios orientadores: ação, transição e emancipação, que fundamentam a sua metodologia de ensino de projeto. Uma metodologia que surge de forma disruptiva numa escola marcada por um ensino alicerçado nas lógicas projetuais dos escritórios tradicionais de arquitetura suíça.

Banchini encontra inspiração no pensamento de Harold Cohen[37] que considerava o entendimento do design como uma espécie de metadisciplina de resolução de problemas e criação de um mundo socialmente consciente a base necessária de qualquer unidade académica que também aspirasse a ensinar arquitetura.

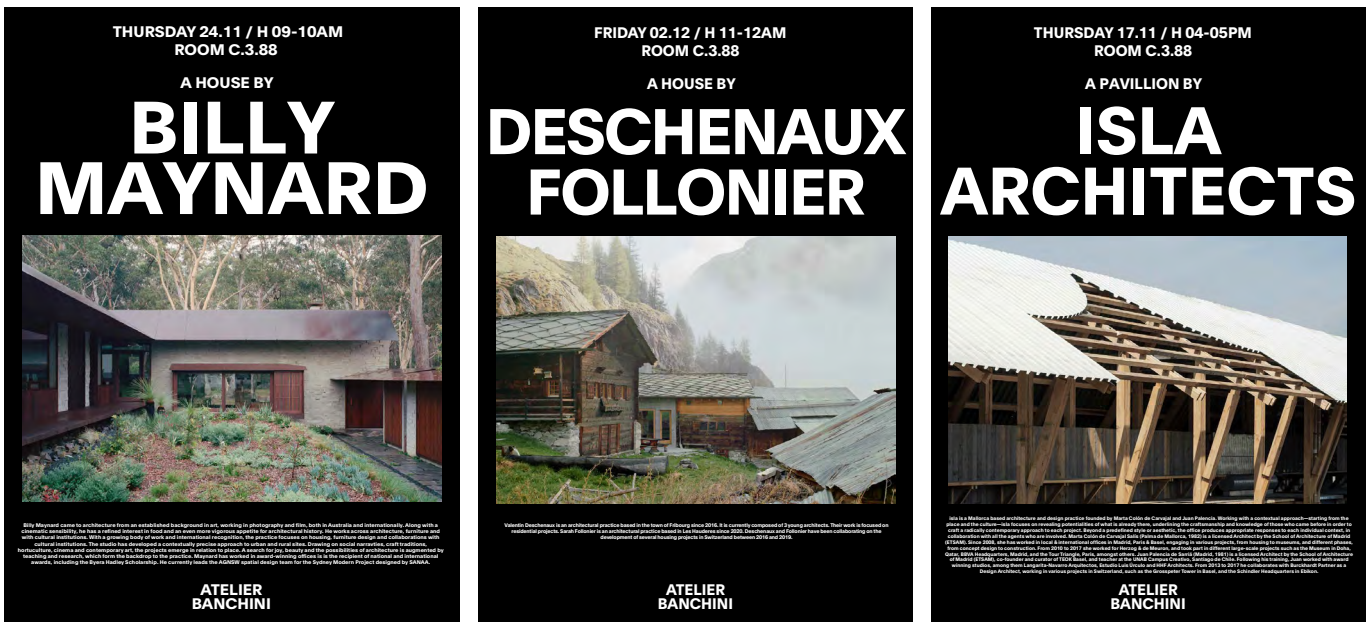
"*Who are you and what are you thinking?*", exercício a que Banchini faz alusão no texto "*Get Lost*", é um exercício que era utilizado por Cohen com os seus alunos da *Southern Illinois University of Carbondale* (1955-1970) e que descrevia do seguinte modo:

> *Aiming to shake the very notion of design, the students were dropped in the wilderness for 72 hours with 10 bucks and an emergency whistle. Are there such things as universal needs and can education radically question preconceived notions of what architecture needs to be? To figure this out, one must escape the safe environment of the academical world, undeniably homogeneous and privileged.*[38]

Esta estratégia de afastamento de um mundo controlado e previsível, colocando os alunos perante situações novas, em contacto direto com as circunstâncias de cada lugar, obrigando-os a questionar-se sobre quem são e como devem atuar (enquanto arquitetos), é a génese de Neotopia.

[37] Harold L. Cohen | designer, artista plástico e educador americano formado no Instituto de Design, em Illinois. De 1955 a 1963, Cohen leccionou na *Southern Illinois University* em Carbondale, Illinois, onde criou e presidiu o departamento de design. Adotou uma abordagem interdisciplinar para a resolução criativa de problemas, concebendo soluções para servir a humanidade.

[38] Banchini, L. (2020). Get Lost. In I*mmediate spaces: 16-19* (p. 125). Park Books.



16. *cartazes weekly talks*

17. *workshop terra del fuoco*, milão

Banchini concebe o seu *design studio* como uma *living structure*, onde, em conjunto, todos os seus participantes são responsáveis por criar a sua própria utopia temporária partilhada. Uma estrutura que visa criar uma comunidade que enfrente criativa e solidariamente os seus problemas, contrariando a indiferença e o desinteresse produzidos por uma crescente sensação ilusória de liberdade individual. O que Byung-Chul Han atribui a uma sociedade neoliberal em que cada um é apenas empreendedor de si próprio.[39]

[39] Han, B.-C. (2015). *Psicopolítica neoliberalismo e novas técnicas de poder.* Lisboa Relógio D'água Editores Junho De.

Viver e construir juntos o desenvolvimento de projetos diversos, independentes, mas convergentes, é uma das premissas fundamentais do estúdio: a ideia de que a arquitetura é também o espaço que partilhamos enquanto trabalhamos e habitamos no espaço comum do atelier.

São organizadas palestras semanais e workshops que adensam o conhecimento das temáticas a aprofundar. Deschenaux Follonier, Atelier Bow How, Billy Maynard, Isla Architects, Comte Meuwly foram alguns dos convidados das *weekly talks*.

Com uma frequência quinzenal, são organizados *curated dinners* que podem ser definidos como "ocasiões informais para conhecer e continuar a partilhar opiniões depois das aulas".

Conforme é referido no *booklet* do atelier, cada *curated dinner* deve ser concebido como uma experiência única, questionando o nosso entendimento idealizado de jantar e partilhar. Cada jantar é um cenário para uma *performance* coletiva com guião. A organização do evento e a conceção dos elementos que o compõem - espaço, mobiliário, talheres, comida, iluminação, música e interações - são da responsabilidade de um grupo de quatro estudantes.

São também organizados momentos de discussão e revisão dos trabalhos que seguem diferentes abordagens. Os momentos de crítica intermédia e de crítica final são assumidos como pontos de situação importantes no desenvolvimento dos trabalhos e contam com a participação do professor, assistentes e críticos convidados.

A crítica intermédia, realizada durante a primeira semana de novembro, contou com a participação do engenheiro italiano Mario Monotti e do arquiteto sueco Johan Arrhov.

Para além de uma oportunidade de reflexão sobre o trabalho realizado, a crítica intermédia constituiu-se também como mais um momento de celebração. No final do dia, após as críticas, os estudantes, professores e convidados juntaram-se para celebrar com uma refeição que recuperou a tradição francesa do *gigot bitume*[40].

[40] O *"gigot bitume"* é uma receita tradicional francesa utilizada para celebrar o fim dos trabalhos de construção. Consiste numa perna de carneiro embrulhada em papel *kraft* e folha de alumínio e cozinhada num banho de alcatrão derretido.

A crítica final, realizada na antepenúltima semana de dezembro, marcou o encerramento do Atelier Banchini e contou com a participação do arquiteto neerlandês Anne Holtrop e da arquiteta palestiniana Noura Al-Sayeh.

A conceção do atelier Banchini como uma *living structure* e as dinâmicas que lhe são inerentes - a sua organização, a calendarização, os momentos de apresentação e avaliação e mesmo as relações que nele se estabelecem - espelham a ideia de informalidade que rege a prática arquitetónica de Leopold Banchini e que procura transmitir nos exercícios pedagógicos que propõe.

As noções preconcebidas de espaço, casa e arquitetura não são desconstruídas apenas pelo exercício do projeto, mas também pela vivência e pela partilha de um espaço comum que é o atelier.

A coerência entre a forma como se habita esse espaço físico e intelectual e a forma como se responde ao exercício proposto permite a imersão completa nos temas que Banchini convoca e, acima de tudo, a confirmação da plausibilidade da sua visão alternativa sobre a arquitetura, pois é uma visão discutida e experienciada.

18. *espaço do atelier na crítica final*

19. *maquetes 1:1 na crítica final*

1. parede em terra prensada e chapa metálica sobre estrutura de madeira.

2. estrutura de pilares em vime sobre bloco de betão

3. tijolos de sal sobre estrutura de madeira

greenhouse experience

O primeiro desafio proposto pelo Atelier Banchini foi apresentado na aula de abertura que se realizou na *Azienda Cantonale di Mezzana*: uma propriedade agrícola com cerca de 60 hectares e localizada a poucos quilómetros de Mendrisio.

Procurando, desde o primeiro momento, desconstruir as noções prévias de arquitetura, utopia e espaço, foi proposta a conceção e a construção de uma estrutura habitável dentro de uma estufa, que cumprisse funções de descanso, entretenimento, higiene e alimentação.

A construção e a vivência desta estrutura habitável deveria ser compreendida como uma utopia temporária partilhada, na linha do conceito de *Temporary Autonomous Zone* (TAZ) proposto por Hakim Bey. Um conceito que, segundo o poeta e ativista, se refere a um espaço temporário que escapa às estruturas formais de poder, um lugar de convívio harmonioso e não repressivo, onde se abre espaço para novas formas de pensar e viver.

Inevitavelmente, um primeiro momento do desafio consistiu numa discussão coletiva sobre os elementos necessários para a estrutura a ser habitada durante três dias.

Após a definição e distribuição dos espaços pelos diversos grupos de trabalho, cada um desses grupos ficou responsável por desenhar, construir o espaço e obter todos os materiais necessários.

20. *exterior da estufa,*
greenhouse experience

O orçamento global foi limitado a 700 CHF, que deveriam ser suficientes para a aquisição de todos os materiais necessários à construção dos espaços e para a alimentação do grupo de vinte e sete pessoas, durante três dias. Este orçamento reduzido funcionou como uma condicionante estrategicamente pensada, pois obrigou a encontrar formas alternativas de adquirir e garantir os materiais necessários, para além de incentivar uma certa cultura de cooperação.

A solução encontrada consistiu na reutilização e reaproveitamento de materiais obsoletos existentes na faculdade e no estabelecimento de parcerias com empresas locais que se dispuseram a emprestar alguns materiais e, deste modo, colaborar na utopia partilhada.

Associada à concretização material dos espaços, surgiu a ideia de que a cada um está subjacente uma sequência de momentos e rituais. Rituais que Byung-Chul Han define como técnicas simbólicas de instalação numa casa.

> *Os rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de instalação numa casa: Eles transformam 'estar no mundo' em 'estar em casa'. Eles tornam o mundo um lugar confiável. Eles são no tempo o que uma casa é no espaço. Eles tornam o tempo habitável. Além disso, permitem festejar o tempo tal como se celebra a instalação numa casa.*[41]

[41] Han, B.-C. (2021). *O desaparecimento dos rituais*. Editora Vozes.

Desta forma, além do desenho e construção, os grupos responsáveis por cada espaço ficaram também encarregues de idealizar os respetivos rituais. O quarto não deveria ser entendido apenas como o espaço para dormir: o seu desenho deveria determinar toda uma sequência de movimentos que caracterizam o percurso anterior (lavar os dentes, trocar de roupa e vestir o pijama), bem como a forma como se dorme, a posição em que se dorme, e a forma como se acorda.

Este primeiro contacto com as ideias defendidas pelo atelier teve como objetivo o questionamento das noções de espaço e a consciencialização da importância do desenho dos espaços no nosso quotidiano. Este desenho não se esgota no exercício projetual do arquiteto e surge muitas vezes como resultado das vivências e das movimentações orgânicas no nosso quotidiano.

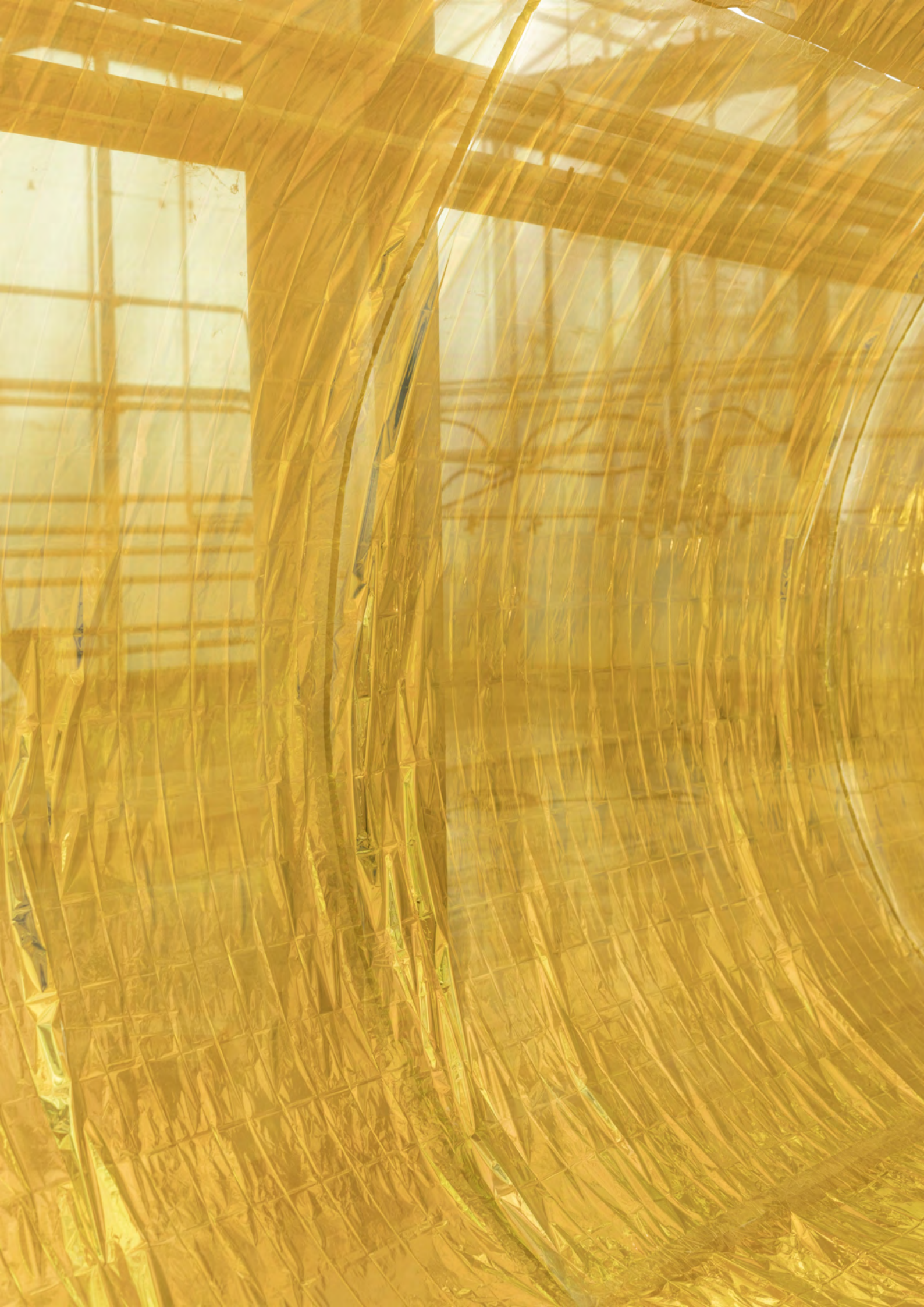
> *Space, often 'enough', is thought of as something that is 'out there', above us, something mysterious and somehow magical, something that we look at with fascination. But something we have no agency over. When, if you think of our human reality, space is the one dimension of everyday life that is the most tangible and the most designed. And most important, someone does designs the spaces we live in. For a purpose. 'Everyday life space' is far from mysterious. It is the most down to earth aspect of our lives.*[42]

[42] Berthet, M.-A. (2020). A love from outer space: some thoughts about neo-vernacular spaces and the importance of reclaiming things. In *Immediate Spaces 16-19*. (p. 127). Park Books.

A conjetura pouco frequente de ter vinte e sete pessoas numa mesma estrutura durante três dias conduziu a múltiplos debates sobre a forma de a habitar. A morfologia do espaço onde as vinte e sete pessoas poderiam dormir, e se este poderia ser uma plataforma única de 6x6m, a possibilidade de existir um reservatório comum de água a partir do qual todas as pessoas poderiam beber, a viabilidade de um espaço de entretenimento insuflável e temporário foram alguns dos motivos de reflexão.

Durante o desenho, a construção e a vivência desta estrutura habitável, os participantes foram convidados a refletir sobre o esforço da auto-organização, sobre a possibilidade da construção de uma comunidade temporária que escape a um pensamento instalado e normativo e sobre a sua própria compreensão da arquitetura.

21. *quarto*. greenhouse experience



Esta experiência desafiante e singular constituiu o ponto de partida e o contexto para a compreensão e apropriação de algumas das principais ideias do *design studio* Neotopia.

Por um lado, Banchini expõe o interesse da imersão sensorial em ambientes de aprendizagem diversos, física e socialmente estimulantes, que permitam um conhecimento autêntico numa relação direta com os variados desafios, como sugere o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty:

> *Rather than a mind and a body, a (wo)man is (...) a being who can only get to the truth of things because its body is, as it were, embedded in those things. Especially learning environments, which should convey an openness to new things and enable students to see themselves as part of their social and physical environment, require stimulating spaces that appeal to all our human senses.*[43]

[43] de Blust, S., Farquet, G., & Schaeben, C. (2021). Informal learning as a studio practice. *Cartha I*.

Por outro, aponta para a importância da comunidade, que Bauman define como a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio[44]. Uma comunidade que funcione como caixa de ressonância capaz de gerar harmonias, um ritmo comum, e que contrarie a tendência do presente distópico em que vivemos de comunicação sem comunidade[45].

[44] Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity* (p.92). Polity Press; Blackwell.

[45] Han, B.-C. (2021). *O desaparecimento dos rituais*. Editora Vozes.

Finalmente, remete para a urgência de reconsiderarmos as nossas necessidades num mundo cada vez mais frágil e líquido onde vivemos prisioneiros dessa sensação ilusória de liberdade individual, associada à possibilidade irrecusável, mas irrealista, de um consumismo insaciável.

Em última análise, incentivou o reconhecimento de que a arquitetura pode ter esse propósito essencial que é o de nos mostrar que apenas com os outros podemos construir a nossa humanidade; precisamos dos outros e de uma vinculação intersubjetiva com as suas consciências.

Toda esta experiência contribuiu para uma mudança substantiva no pensamento dos participantes confirmando a sua relevância pedagógica. O seu carácter provocatório despertou um debate muitas vezes silencioso que incentivou de modo quase inconsciente uma forma alternativa de compreender e olhar para a arquitetura.

Ao mesmo tempo, confrontou os participantes com formas diversas de funcionamento de um *design studio* e de relacionamento entre professores e alunos, sobressaindo a informalidade das ações e das relações: uma dimensão metodológica que adquire um caráter transversal a todo o pensamento e ação de Leopold Banchini.

Banchini propõe aprender arquitetura num clima de informalidade e através da informalidade. O seu *design studio* reproduz metodologicamente a sua forma de agir enquanto arquiteto. As suas lógicas de pensamento e de trabalho são transportadas para o atelier através de experiências e propostas concretas que permitem aos participantes discutir a sua validade e viabilidade. Ao propor-lhes a proximidade informal com os seus métodos de trabalho, Banchini oferece a possibilidade de os questionarem e, desse modo, a possibilidade de os integrarem como processos seus.

23. *sanitário*. greenhouse experience

24. *reservatório de água*. greenhouse experience

25. *cozinha*. greenhouse experience

26. *sauna e banho*. greenhouse experience

VENGO

NO TENGO LUGAR

Y NO TENGO PAISAJE

Y YO MENOS TENGO PATRIA

vengo

O primeiro contacto com a filosofia do atelier Banchini na *Greenhouse Experience* foi o ponto de partida para a compreensão e incorporação dos princípios orientadores do trabalho a ser desenvolvido durante o semestre.

O exercício proposto por Banchini no seu *design studio* para o semestre de outono de 2022, denomina-se *Vengo* (=venho), nome que se relaciona com alguns dos desafios lançados pelo estúdio, nomeadamente, o local de estudo, Almería, e um método assente na viagem e na experiência do local.

Neste exercício, que procura seguir a linha de pensamento inicialmente explorada na *Greenhouse Experience*, os participantes são mais uma vez convidados a sair do ambiente académico privilegiado e controlado e a imergir num universo tangível, mas imprevisível, lidando com as necessidades concretas e reais determinadas por um certo contexto político, histórico e social.

Almería é uma região localizada no sul de Espanha que se encontra no cruzamento de rotas migratórias, culturas e fluxos alimentares globais. Esta região, também denominada por "mar de plástico" ou "costa do polietileno", consiste na maior área de estufas da Europa e é maioritariamente habitada por trabalhadores imigrantes ilegais, que são sujeitos a duras condições de trabalho e de habitação.

A proposta lançada pelo atelier consistiu no desenho de um assentamento habitacional, que tivesse por base as ideias de autossuficiência, a autonomia e uma vida coletiva.

É solicitado o desenho de uma casa para dez pessoas num terreno situado na região, que deveria ser igualmente o resultado de um processo de investigação dos modos de vida e dos contextos social, político, económico e histórico das pessoas para quem se destinava.

É estimulada a utilização de materiais e técnicas construtivas simples como princípios orientadores do exercício projetual, obedecendo a critérios de disponibilidade e acessibilidade. Estudos e testes cuidadosos às qualidades dos materiais e à sua possível composição são exigidos como ponto de partida para o desenho dos espaços, a sua distribuição, articulação e detalhe. Por este motivo, a fase de projeto é iniciada com a construção de maquetes à escala 1:1. Diversas técnicas de construção são desenvolvidas antes de serem absorvidas pelo programa.

Considerando fatores económicos e de disponibilidade e um processo de construção com recurso exclusivo ao próprio corpo auxiliado por ferramentas básicas, são selecionados até três materiais a utilizar por projeto. A partir da exploração prática destes materiais, envolvendo a sua manipulação, combinação e transformação, surgem métodos de construção inesperados e inovadores que são desenvolvidos até ao final do semestre. Adota-se a filosofia da autossuficiência e da autoconstrução na linha do que J. Broome descreve em *Segal Method Revisited*:

> *It is an attitude of mind rather than a system of construction. The attitude is one of rigorous simplification of the whole building process from design to completion. The process is rethought from first principles to derive simple yet effective ways of dealing with fundamental issues of building construction, such as tolerances and thermal and moisture movement. Elements are reduced to their essentials to obtain maximum economy of material and effort.(...) Using standard readily available building materials, assembled on site as far as possible in their market sizes, reduces the processes of production carried out on site. (...) Materials are chosen with regard to their performance and cost. They are easy to work, using simple hand power tools and are of an easily handled size and weight.*[46]

[46] Broome, J., (1995). Segal Method Revisited. *Architects Journal* 202 (20).

Como Broome refere, esta filosofia valoriza, sobretudo, uma atitude que deve aspirar a uma simplificação rigorosa de todo o processo de construção, desde o projeto até à sua conclusão.

Compreender o gesto da construção nas suas múltiplas variantes é essencial para o desenvolvimento de um desenho com significado. A vivência dos processos de autoconstrução proporciona um conhecimento e uma consciência que acaba por determinar o desenho e a própria forma como se desenha. As condicionantes percebidas obrigam à reflexão sobre funcionalismos instituídos.

Trata-se de um exercício pedagógico que pretende dar a conhecer uma forma mais contextualizada de ver e fazer arquitetura, privilegiando as características e o contacto com o local em estudo.

Tendo em conta a complexidade das questões tornadas visíveis pelos aglomerados informais, o objetivo do exercício não consistiu em encontrar soluções globais para essas questões, mas sim em aprender com as formas urbanas a partir do seu contexto específico e com a criatividade das técnicas de construção neovernacular.

Durante o desenho do projeto, o grupo de trabalho funciona como uma equipa de investigação que trabalha de forma colaborativa com o objetivo de tornar comum e o mais abrangente possível o seu conhecimento sobre a realidade em estudo.

Cada grupo de dois estudantes é alocado a um terreno específico com contextos e características próprias, multiplicando e diversificando o conhecimento do local. Ao todo, o trabalho de investigação do design studio Banchini distribui-se por catorze casos de estudo que se desenvolvem ao longo de cerca de 40km de costa, desde a província de La Curva até à província de Roquetas de Mar.

A diversidade dos casos e as suas particularidades contextuais e materiais geraram uma grande variedade de respostas, concretizadas ao nível do desenho do projeto e dos materiais selecionados, que se transformaram num património comum de toda a equipa.

28. *viagem a almería*

a house between two water tanks

A resposta ao exercício lançado pelo *atelier* Banchini para o semestre de outono de 2022, o desenho de um assentamento habitacional no "*mar de plástico*" de Almería, sustenta-se na consideração das particularidades do caso de estudo, respeitando a filosofia do atelier adquirida nas experiências iniciais.

Não obstante as suas especificidades, o projeto desenvolvido, *A house between two water tanks*, evolui a partir dos temas e no contexto genérico do atelier. As condicionantes locais mais relevantes, nomeadamente as suas condições geográficas e sociais e o programa previamente definido de construção de uma casa para dez pessoas, são integradas numa primeira antecipação do projeto. Segue-se uma investigação mais exaustiva no próprio local e em contacto com alguns dos habitantes do lugar. Esta investigação desenrola-se numa perspetiva de envolvimento e imersão nos temas específicos do projeto, no prosseguimento das orientações do atelier.

O terreno escolhido situa-se numa zona relativamente anónima entre as localidades de Santa Maria del Águila e La Venta del Viso. Nesta zona, outros edifícios, que não estufas, são raros. No entanto, ao longo dos caminhos trilhados foi possível encontrar algumas construções dispersas como, por exemplo, barracos de apoio às estufas e casas para os trabalhadores. A localização estratégica das casas permite aos trabalhadores observarem as estufas e, deste modo, garantirem a segurança das mesmas.

O terreno com aproximadamente 1km^2 de área é dominado por dois grandes tanques, cuja água é utilizada para regar, cozinhar e beber. Numa das suas extremidades, existe uma pequena casa onde, na altura, viviam dois irmãos há mais de quinze anos. A casa, de pequenas dimensões, era constituída por uma única divisão que albergava a cozinha, o espaço de estar e o espaço de dormir. No decorrer dos anos tinha sido anexada uma casa de banho ao volume inicial.

Tendo em consideração o programa proposto, as condicionantes investigadas no local e a constatação de que a maioria dos habitantes na área de estudo são imigrantes que trabalham nas estufas do mar de plástico, determinou-se que a casa a desenhar prevista no programa deveria ter como objetivo servir de habitação a um grupo de dez trabalhadores imigrantes.

Com base no programa definido e influenciados pelas vivências experienciadas anteriormente, com especial relevo para a *Greenhouse Experience*, propôs-se um desenho que refletisse um certo repensar das formas de habitar e que privilegiasse os espaços coletivos. Espaços que, por isso, deveriam ser espaços partilhados sem preocupações quanto à sua divisão e individualização. A privacidade é trabalhada de uma forma alternativa e é conseguida não em termos literais, mas através das atmosferas que são criadas, tanto nos espaços interiores como exteriores.

Esta estrutura é concebida como uma evolução da casa existente no terreno adaptada a um maior número de pessoas e com materiais e técnicas construtivas diferentes. Os dois tanques existentes surgem igualmente como elementos definidores do conjunto.

A estrutura desenhada é constituída por um volume principal e por um volume autónomo que funciona como charneira entre o espaço da casa e o espaço do trabalho, oferecendo valências de higiene e arrumação.

No volume principal determinam-se três momentos que correspondem espacialmente a uma zona social, uma zona privada, e uma zona de transição. Cada uma destas zonas olha para direções distintas definindo, dessa forma, diferentes ambientes e atmosferas.

O espaço social e o espaço privado organizam-se em relação direta com os tanques de água e com o movimento do sol: enquanto o espaço social está orientado a nascente, o espaço privado que é, por sua vez, também o espaço de descanso, orienta-se a poente.

O espaço intermédio que faz a transição entre esses dois espaços está virado a sul e contempla o jardim privado. Este jardim faz alusão aos pátios dos *riads* marroquinos numa tentativa de inclusão de elementos culturais dos potenciais habitantes, imigrantes daquele país do norte de África.
O posicionamento da vegetação delimita recantos transformados em pequenos refúgios privativos.

O sentimento de uma vivência coletiva e partilhada é continuamente explorado. No espaço social, uma grande mesa multifuncional é o elemento central que congrega diversas funções: comer, trabalhar, jogar, etc. Esta mesa serve também de apoio ao balcão da cozinha que, à mesma altura da superfície da água do tanque, recebe a luz da manhã. Na mesma zona, pequenas divisões abertas para o espaço central asseguram funções de serviço: uma lavandaria, uma despensa e um arrumo.

No espaço privado, são desenhados cinco nichos, cada um com espaço suficiente apenas para dois colchões. Em frente a estes nichos, e separado por cortinas, abre-se um espaço comum onde três degraus estabelecem a diferença de ambientes, ao mesmo tempo que criam um lugar para os trabalhadores se sentarem e desfrutarem da luz do final do dia que, ao refletir no tanque, incita ao recolhimento e descanso.

O espaço social e o espaço privado são ligados por um corpo central ao longo do qual se vai adquirindo um crescente ambiente de intimidade com a aproximação à zona privada. Simultaneamente, a diferença de cotas entre as duas zonas é resolvida através de uma sucessão de patamares que tem uma peça contínua de mobiliário em contínua transfiguração: inicialmente um banco para contemplar o exterior que evolui para uma secretária para trabalhar e depois para um armário onde se podem guardar os pertences pessoais.

A polivalência programática inerente a uma casa para dez pessoas motivou um princípio compositivo que privilegia a sequência espacial e a *promenade architecturale*. Desta forma, a estrutura desenhada configura um ritual que proporciona diferentes momentos e sensações à medida que se atravessam os espaços. Este efeito é, em parte, conseguido pela escolha de materiais que estabelecem, por si, diferentes ambientes e atmosferas.

Reconhecendo desde o início a pertinência de utilizar materiais que tivessem alguma relação com o local, tornando, hipoteticamente, mais simples e acessível a construção, optou-se pela rede metálica, pelas pedras e, inicialmente, pelo vidro que, depois de várias experiências de manipulação, foi substituído pelo plástico.

A rede metálica é utilizada em forma de gavião que é cheio com plástico, pedra, ou ambos os materiais, mediante a atmosfera que se procura criar num determinado espaço: maior transparência nos espaços voltados para os tanques e para o jardim privado e maior privacidade nas paredes viradas para as estufas. Um sistema semelhante é utilizado na cobertura. No pavimento recorre-se ao cimento para garantir a unidade e a harmonia entre os vários espaços da casa.

A utilização deste sistema construtivo justifica-se pela convicção sobre a importância de criar uma arquitetura que pudesse ser facilmente desmontável e redefinida, sem deixar marcas profundas a nível material e ambiental no espaço ocupado. Esta convicção, também partilhada por Leopold Banchini em muitas das suas obras, acolhe a ideia de temporalidade que caracteriza a sua arquitetura: as construções podem e devem muitas vezes ser temporárias e de rápida execução, pois são o resultado de manifestações da vida quotidiana, elas próprias muitas vezes transitórias, devendo, por isso, utilizar materiais simples e facilmente acessíveis, como é aqui o caso do plástico, da pedra e do metal.

Todo o processo de discussão e desenho do projeto foi acompanhado por uma reflexão contínua sobre as potencialidades plásticas e construtivas dos materiais, valorizando-se o processo e a experimentação mais do que o resultado final, correspondendo ao que é uma das ideias-chave do pensamento de Banchini.

É neste sentido que a maquete adquire um papel primordial no projeto. A sua concretização obriga a refletir sobre o processo de construção e sobre os materiais, elementos frequentemente deixados de parte no desenho.

A valorização deste elemento de trabalho justifica-se também pela convicção de que a maquete é o elemento que mais se aproxima à dimensão e ao contexto real do projeto e que, por essa razão, é o melhor meio para comunicar o projeto.

De resto, na sua proposta, Banchini leva o recurso à maquete ainda mais longe, deixando de a conceber apenas como uma representação da realidade, para a utilizar como um fragmento dessa mesma realidade.

O desenvolvimento e a construção de maquetes na escala 1:1, obriga os estudantes a estabelecerem um contacto real e direto com o processo de manipulação e combinação dos materiais, bem como, com as suas características físicas: o seu peso, texturas e outras que no desenho e em maquetes noutras escalas são inatingíveis, ou dificilmente mensuráveis.

O recurso ao desenho foi reduzido a um elemento meramente informativo para a concretização das maquetes, que deveria ser utilizado apenas durante as sessões de trabalho e nunca nos momentos de apresentação e discussão sobre o projeto.

As maquetes foram o único elemento de comunicação utilizado nos momentos de crítica e discussão do trabalho e, por isso, deveriam ser suficientemente desenvolvidas para o apresentar, bem como para enquadrar as críticas dos convidados.

A sua pormenorização deveria acompanhar o grau de desenvolvimento necessário a cada fase do projeto. Por essa razão, foram desenvolvidas maquetes nas mais variadas escalas: 1:1, 1:10, 1:20, 1:50, 1:200.

Mais do que uma simples resposta ao exercício proposto, o desenvolvimento do projeto *A house between two water tanks* permitiu, pelo contexto de trabalho em que se enquadrou, o confronto com a visão alternativa de Leopold Banchini de fazer e compreender a arquitetura.

O confronto com realidades habitualmente distantes do nosso quotidiano gerou o desconforto e a dúvida quanto às prioridades que definimos enquanto arquitetos. A escolha dos materiais e a forma como se desenhou o projeto são o resultado da ponderação consciente sobre essas prioridades.

Viver essa inquietação num ambiente marcado pelo espírito de grupo e pela sensação de comunidade que se criou dentro do atelier permitiu a imersão completa no exercício, criando uma realidade muitas vezes paralela à *Accademia*, mas completamente alinhada com o contexto para o qual se desenvolveu o projeto, o "mar de plástico" de Almería.

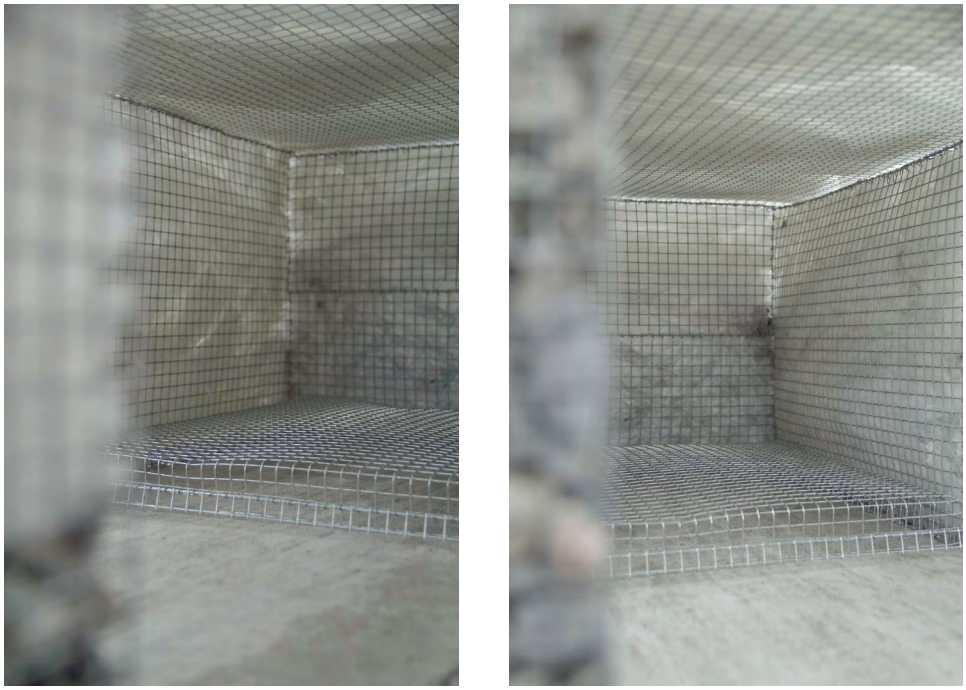
Embora se reconheça que as especificidades do lugar o tornam num exemplo não representativo dos tradicionais campos de ação da arquitetura, reconhece-se a sua pertinência como caso de estudo e campo de experimentação para as técnicas e métodos construtivos que Leopold Banchini procura transmitir aos seus estudantes.

Acima de tudo, esta experiência proporcionou ferramentas essenciais para se atuar de forma autónoma, independentemente do lugar, do contexto e recursos disponíveis. É precisamente isso que, num sentido mais genérico, define o exercício da arquitetura: a capacidade de atuar sem depender dos meios, das condições dos lugares e dos constrangimentos existentes.

30. *maquete 1:1 | vidro, pedras, metal*

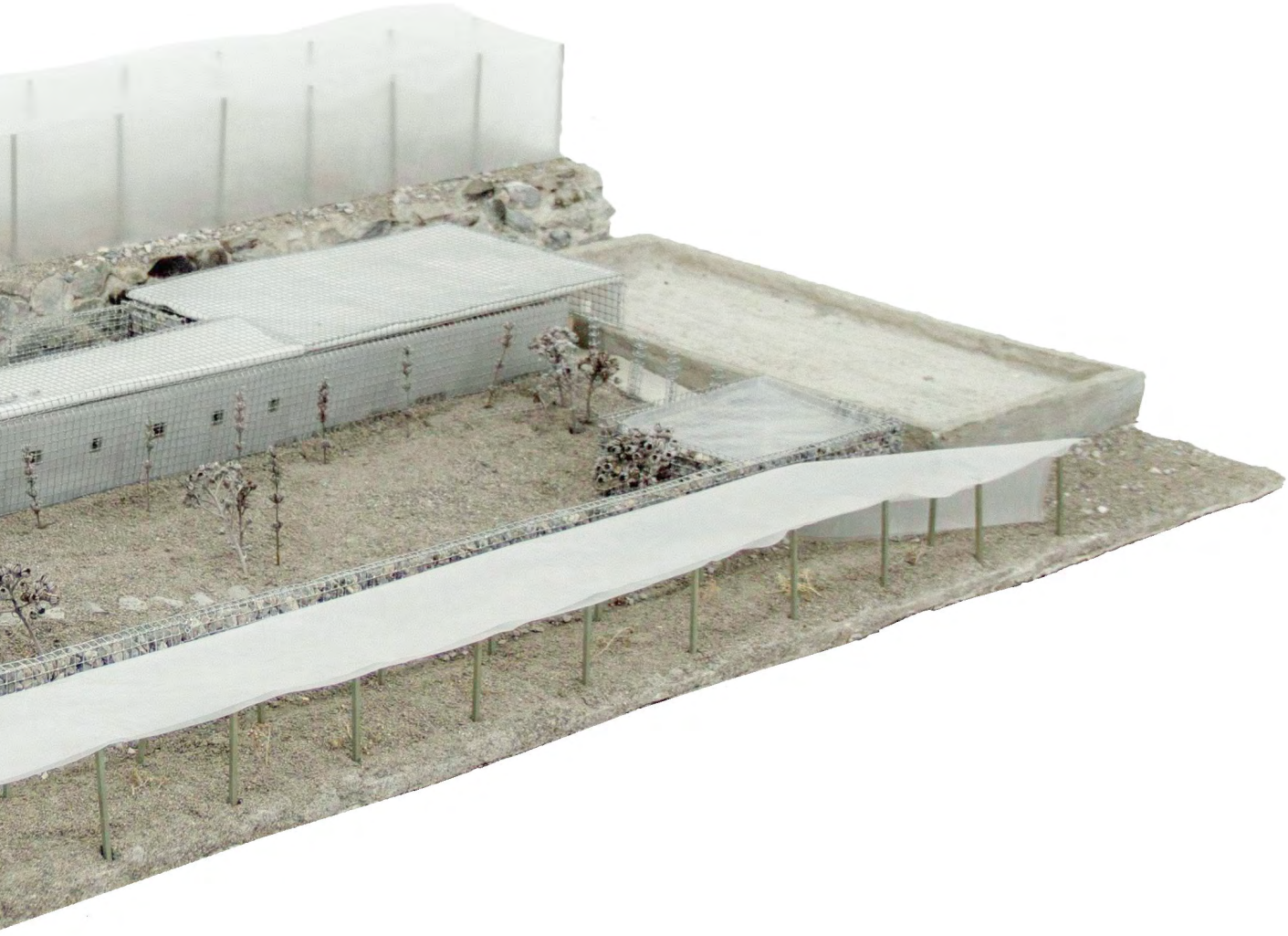
31. *maquete 1:1 | plástico, pedras, metal*

32. *maquete 1:10 | quarto*

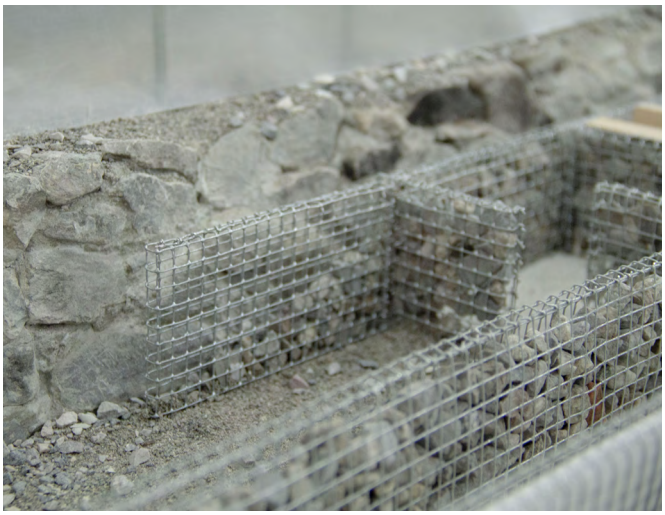


33. *maquete 1:10 | testes de luz*

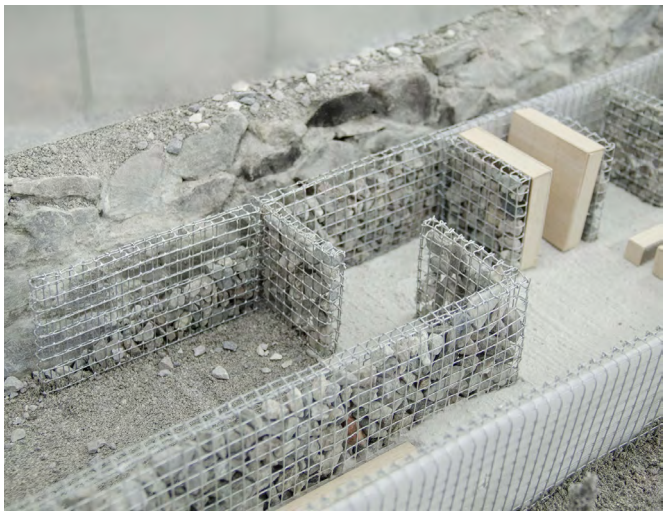
34. *maquete 1:50*

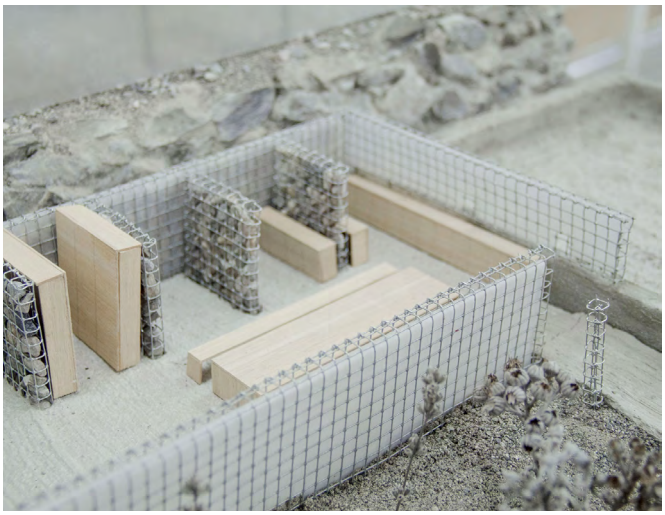


35. *maquete 1:50 | pormenores*



36. *maquete 1:50 | pormenores*





considerações finais

o espaço e a forma de o construir - contributos para um diálogo possível

A oportunidade de participar enquanto estudante de mobilidade no *design studio* Banchini da AAM permitiu o confronto entre a metodologia projetual proposta pelo arquiteto suiço e a experiência que resultou do estudo e trabalho desenvolvidos nos anos anteriores na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Apesar das divergências evidentes, a proposta de Banchini foi interpretada não como uma alternativa antagónica irreconciliável, mas antes como um espaço de descoberta e questionamento, numa perspetiva de enriquecimento e complementaridade em relação à experiência anterior.

A experimentação construtiva e uma abordagem imersiva constituem premissas fundamentais da metodologia e evidenciam a importância na aquisição de ferramentas práticas e conceptuais que permitam vivê-las de forma fundamentada.

Esta proposta acontece numa escola que valoriza a ideia de um ensino autoral, através de estúdios orientados por arquitetos com uma linguagem de projeto particular. O ensino baseado em ateliers potencia a complementaridade entre a experiência prática e a aprendizagem dos aspetos técnicos, aproximando-se do ambiente profissional da arquitetura.

37. *axonometria da implantação do projeto*

Em cada estúdio, os alunos são convidados a explorar ideias de arquitetura diferentes que refletem a prática projetual do arquiteto-professor. O método de ensino de projeto adotado configura um quase estágio em cada estúdio.

Apesar das diferenças inerentes a cada *design studio*, há um predomínio da pesquisa e experimentação em maquete que é favorecida pelas condições que a *Accademia* oferece.

Na *Accademia di Mendrisio* os estudantes dispõem de espaços específicos para a produção de maquetes com materiais diversos, em várias escalas e utilizando técnicas diversificadas: existem espaços destinados à construção de maquetes em madeira com máquinas de serralharia, espaços para construir maquetes em gesso e em betão e, ainda, um espaço destinado à exploração de materiais compostos.

A proposta de Banchini que pressupõe uma experimentação sistemática das técnicas e dos materiais, é, naturalmente, favorecida pelas excelentes condições de trabalho que a AAM oferece.

Não obstante a existência dessas condições favoráveis, é importante realçar que a acessibilidade e a adaptabilidade das técnicas e dos processos construtivos, assim como a conceção de um processo construtivo utilizando como instrumento principal o próprio corpo, auxiliado apenas por ferramentas básicas, são premissas fundamentais da sua abordagem didático-pedagógica.

Assim sendo, admite-se que as metodologias e processos de trabalho deste atelier possam ser transferidos com facilidade para outras escolas ou para outros locais.

Regressando ao significado da experiência vivida no *design studio* de Banchini, importa destacar a originalidade da sua proposta e o que isso representou no percurso académico que agora se conclui: uma visão alternativa da simplicidade, do entusiasmo, da participação coletiva, de uma profunda ligação ao contexto, que oferece uma forma diferente de pensar, criar e fazer arquitetura.

No caso deste *design studio*, a prioridade atribuída desde o primeiro momento aos materiais e à construção, redefine a ordem tradicional do exercício projetual e obriga ao contacto direto com os elementos que privilegia. Coloca em cima da mesa a necessidade de ponderar mais atentamente sobre as características e as potencialidades dos materiais. Aspetos como cor, textura, temperatura, peso, dimensões e capacidade estrutural, ganham expressão e maior significado.

De forma semelhante, a importância atribuída ao contexto e ao lugar onde se atua sugere uma arquitetura refletida e fundamentada, tornando-a parte integrante do todo que é o lugar de ação. A especificidade do desenho e a atenção ao local que esta abordagem pressupõe tornam cada projeto único e irrepetível.

Apesar de todas as diferenças entre a visão de Leopold Banchini e a visão construída ao longo do percurso na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, é possível estabelecer pontes de contacto entre ambas e, sobretudo, concluir sobre a possibilidade da sua coexistência.

Ao refletir-se sobre o projeto concreto desenvolvido no atelier de Leopold Banchini - *A house between two water tanks* - identificam-se com facilidade temas recorrentes no ensino da FAUP, como a composição, a dimensão, a proporção, a relação cheio-vazio, o ritmo, o equilíbrio, a unidade.

Neste exercício projetual, estes temas são enquadrados e adaptados às lógicas do arquiteto Banchini: a dimensão é determinada pelas medidas dos materiais que somos incentivados a explorar fisicamente; a composição é trabalhada em relação com os elementos preexistentes no terreno, que devem ser utilizados como motivos para o desenho, e o equilíbrio é conseguido através de uma solução que responde, não só ao programa proposto, mas também às particularidades que o contexto e que o local de estudo exigem.

Enquanto no ensino da FAUP reconhecemos a tridimensionalidade como o objetivo e a bidimensionalidade como a ferramenta para o atingir, na abordagem pedagógica do atelier Banchini, a tridimensionalidade é encarada como o objetivo e como o meio para o alcançar.

Esta leitura do processo de conceção incentiva o desenho de uma resposta concreta e realista, que é confirmada através de uma grande experimentação material a diferentes escalas, incluindo a escala real.

Em sentido diferente da experiência adquirida na FAUP, onde é privilegiado o desenho do espaço e de toda a sua poética, dando posteriormente atenção aos sistemas construtivos e às qualidades plásticas dos materiais, no *design studio* do arquiteto Leopold Banchini a arquitetura e a construção não se distinguem. Incentiva-se não o desenho do espaço, mas o desenho da forma como se constrói o espaço.

You don't design a space, you design the way of building a space.[47]

[47] Gbl Tuwien. (2022). Leopold Banchini - Tears in the Club. YouTube.

fontes documentais

Atelier Banchini. (2022). *Neotopia*. Mendrisio: AAM Press.

Aznar, J. A., Galdeano, E., (2010) Territory, cluster and competitiveness of the intensive horticulture in Almería (Spain). *The Open Geography Journal 3*, pp. 269, 280

Aznar, J. A., Galdeano, E., Perez, J. C. (2011). The complexity of theories on rural development in Europe: an analysis of the paradigmatic case of Almería. *Sociologia Ruralis* 51 (1), 54-78

Banchini, L. Feireiss, L. and Kahn, L. (2021). *Shelter Cookbook*. Leipzig: Spector Books

Banchini, L. (2020). *Immediate spaces 16-19*. Park Books.

Banchini, L., Holtrop, N. A. S., Bru, S., & Perrenoud, D. (2022). *2G 85 Leopold Banchini*. Walther und Franz König.

Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press ; Blackwell.

Botta, & Casartelli, T. (2021). *Tracce di una scuola: Accademia di architettura a Mendrisio 1996-2021*. Mendrisio Academy Press.

Blunt, A., & Wills, J. (2000). *Dissident geographies : An introduction to radical ideas and practice*. Prentice Hall.

Broome, J., (1995). Segal Method Revisited. *Architects Journal 202* (20).

Callanan, M., Cervantes, C., Loomis, M. (2011). Informal learning. *Wiley interdisciplinary reviews*. Cognitive science, 2(6), pp. 646–655.

Carlana, M. (2022). Originalità e originario. *Casabella 938*

Carlsson, C., *Nowtopia*. Stirling: AK Press, 2008

Celant, G., *Arte Povera—Appunti per una guerriglia*, Flash Art, no. 5 November-December 1967

Cruz, T., Burdett, R., Harvey, D. (2014), *Uneven Growth*, Gadanho, Pedro (ed.), The Museum of Modern Art, New York

de Blust, S. de , Farquet, G., & Schaeben, C. (2021). Informal learning as a studio practice. Learning Architecture. *Cartha I*. www.carthamagazine.com/issue/6-1/

Friedman, Y. (2009). *L'architettura di sopravvivenza. Una filosofia della povertà*. Torino: Bollati Boringhieri

Friedman, Y. (2016). *Utopie realizzabili*. Macerata: Quodlibet

Han, B.-C. (2015). *Psicopolítica neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Lisboa Relógio D'água Editores Junho De.

Han, B.-C. (2021). *O desaparecimento dos rituais*. Editora Vozes

Koolhaas, R. (2006). *Junkspace*. Notting Hill Editions.

Lefebvre, H. (1991). *The production of space*. Blackwell.

Lévi-Strauss, C. (1962). *The savage mind*. The University Of Chicago Press.

Manzini, E., & Coad, R. A. (2019). *Politics of the everyday.* Bloomsbury Visual Arts.

Mari, E. (2010). *Autoprogettazione?* Mantova: Edizioni Corraini

Mubark, M. E. (2921) Education Oriented Otherwise. *Cartha I*. www.carthamagazine.com/issue/6-1/

Munari, B., & De, M. (1993). *Das coisas nascem coisas*. Edições 70.

Swanie, P., (2008) Strategies of Visibility and Invisibility: Rumanians and Moroccans in El Ejido - Spain, in Jansen S. and Löfving S. Struggles for Home: Violence, Hope and the Movement of People, Berghahn Books, pp.109-128

Webb, M. (1999). *Boys at Heart*. Archigram, 3.

Banchini, L. (n.d.). *Leopold Banchini Architects*.
[disponível em: www.leopoldbanchini.com/]

INSTITUTO. (2023). Leopold Banchini & fala atelier @ LEAL - Self-building Workshop.
[disponível em: www.youtube.com/watch?v=dCHUe__6qTM]

GBL TUWIEN. (2022). Leopold Banchini – Tears in the Club.
[disponível em: www.youtube.com/watch?v=sklb_GaPGTY]

Holcim. (2021). Building conversations: Architects inspiring us_ Episode #5: Leopold Banchini - Full Interview.
[disponível em: www.youtube.com/watch?v=E6DZ7RjffoQ]

Venice architecture biennale: There are walls that want to prowl. ReSITE.
[disponível em: www.resite.org/stories/venice-architecture-biennale-there-are-walls-that-want-to-prowl-lukas-feireiss-l]

Maps, A. S. on G. (2020). *Biennale di architettura 2021 | Leopold Banchini architects*.
[disponível em: www.labiennale.org/en/architecture/2021/new-households/leopold-banchini-architects]

Shelter publications. (n.d.). *Shelter Publications*.
[disponível em: www.shelterpub.com/]

Banchini | the strength of architecture | from 1998. (n.d.).
[disponível em: www.metalocus.es/en/author/banchini]

Other architects. (2022). *Ordinary, as opposed to exclusive*.
[disponível em: www.otherarchitects.com/interests/ordinary/]

Oberhuber, S., Rau, T. (2021). *2038 - The New Serenity*. other.
[disponível em: www.2038.xyz]

Schneider, F. (n.d.). *Leopold Banchini architects, Geneva*.
[disponível em: www.wbw.ch/fr/online/jas-jeune-architecture-de-suisse/leopold-banchini-architects-geneva.html]

índice de imagens

01. there are walls that want to prowl, bienal de veneza 2021. dylan perrenoud, 2021
[disponível em: https://www.studiolukasfeireiss.com/There-Are-Walls-that-Want-to-Prowl]

02. tradição do “barn raising”.
[disponível em: https://evolutiamade.com/latest-projects/our-amish-barn-beams/]

03. workshop de construção do palco moon ra. maxime delvaux, 2021
[disponível em: https://www.archdaily.com/976358/moon-ra-pavilion-leopold-banchini-architects]

04. antoine, verbier. dylan perrenoud, 2014
[disponível em: https://www.archdaily.com/580654/antoine-bureau-a]

05. dodged house, lisboa. dylan perrenoud, 2019
[disponível em: https://www.archdaily.com/912329/dodged-house-leopold-banchini-plus-daniel-zamarbide]

06. casa do monte, Lisboa. dylan perrenoud, 2019
[disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/921248/casa-do-monte-leopold-banchini-plus-daniel-zamarbide]

07. casa ccff, genebra. dylan perrenoud, 2017
[disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/908587/casa-ccff-leopold-banchini-architects]

08. bab Al bahrain square, manama. eman ali, 2011
[disponível em: https://www.archdaily.com/222125/bar-al-bahrain-pavillion-noura-al-sayeh-leopold-banchini]

09. marramarra shack, marramarra creek. rory gardiner, 2021
[disponível em: https://www.archdaily.com/984838/marramarra-shack-leopold-banchini-architects]

10. atelier hawkesbury, marramarra creek, rory gardiner, 2021
[disponível em: https://www.archdaily.com/965046/atelier-hawkesbury-leopold-banchini-architects]

11. moon Ra, vilvoorde. maxime delvaux, 2021
[disponível em: https://www.archdaily.com/976358/moon-ra-pavilion-leopold-banchini-architects]

12. 3-8, centre georges pompidou, paris. dylan perrenoud, 2018
[disponível em: https://www.architonic.com/en/project/leopold-banchini-architects-3-8/20134773]

13. al naseej textile factory, bani jamrah. dylan perrenoud, 2022
[disponível em: https://divisare.com/projects/460083-leopold-banchini-architects-dylan-perrenoud-al-naseej-textile-factory]]

14. house for architectural heritage, muharraq. dylan perrenoud, 2017
[disponível em: https://www.archdaily.com/908265/house-for-architectural-heritage-noura-al-sayeh-and-leopold-banchini-architects]

15. planta de implantação do caso de estudo. arquivo pessoal da autora, 2022.

16. cartazes *weekly talks*. atelier banchini, 2022

17. workshop terra del fuoco, milão. terra del fuoco, 2022.

18. espaço do atelier banchini na crítica final. giovanni galanello, 2022.

19. maquetes 1:1 na crítica final. giovanni galanello, 2022.

20. exterior da estufa. giovanni galanello, 2022

21. quarto. giovanni galanello, 2022

22. espaço de entretenimento. giovanni galanello, 2022

23. sanitário. giovanni galanello, 2022

24. reservatório de água. giovanni galanello, 2022

25. cozinha. giovanni galanello, 2022

26. sauna e banho. giovanni galanello, 2022

27. cartazes neotopia. atelier banchini, 2022

28. viagem a almería. timo schenker, 2022

29. maquete 1:50. crítica final. giovanni galanello, 2022.

30. maquete 1:1. crítica intermédia. timo schenker, 2022.

31. maquete 1:1. crítica final. giovanni galanello, 2022.

32. maquete 1:10 | quarto. crítica final. giovanni galanello, 2022.

33. maquete 1:10 | testes de luz. crítica final. arquivo pessoal da autora, 2022.

34. maquete 1:50. crítica final. arquivo pessoal da autora, 2022.

35. pormenores da maquete 1:50, crítica final. arquivo pessoal da autora, 2022.

36. pormenores da maquete 1:50. crítica final. arquivo pessoal da autora, 2022.

37. axonometria da implantação do projeto. arquivo pessoal da autora, 2022

Neotopia
Aprender através da informallidade

Sara Tenreiro Fonseca

FACULDADE DE ARQUITETURA